



OCACA

DOR DE



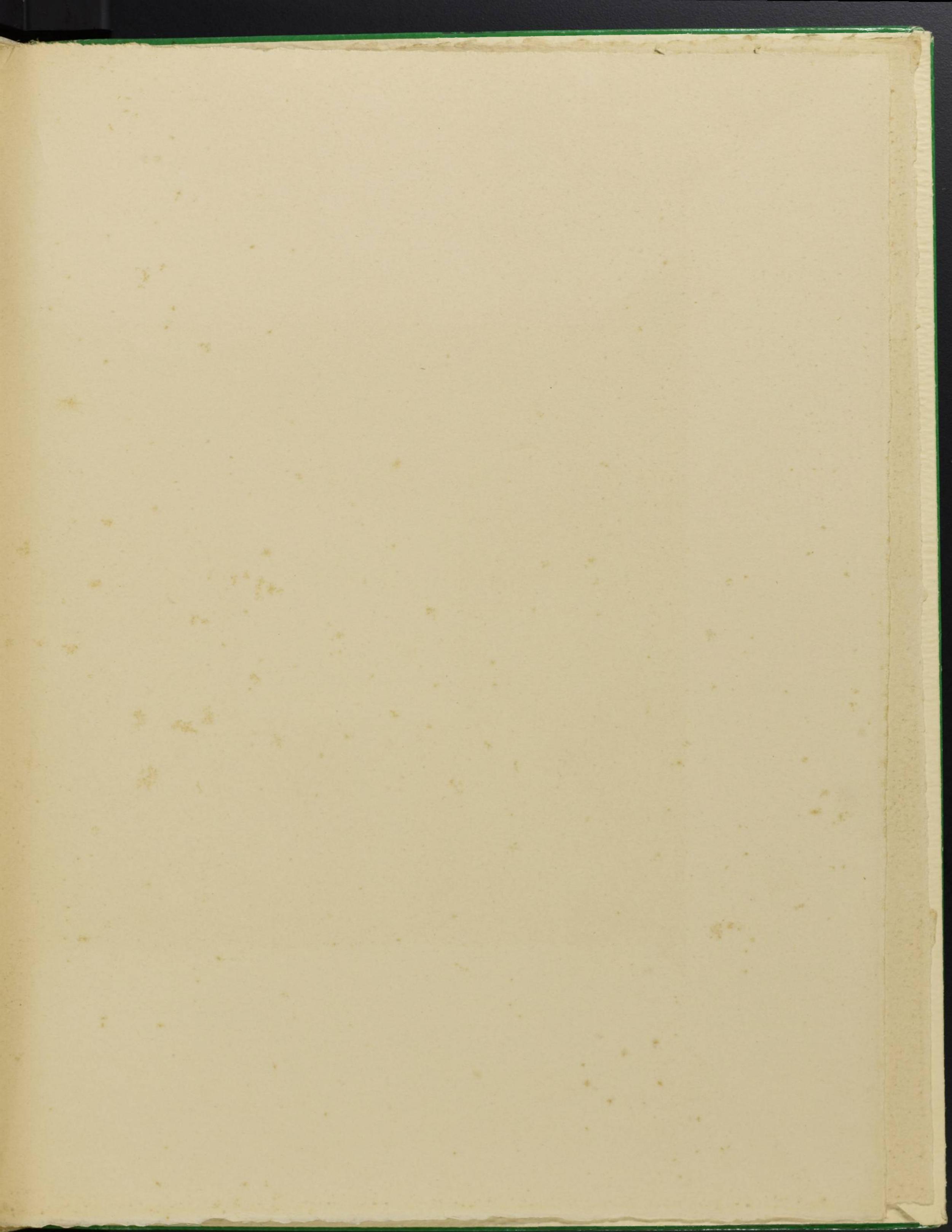
ESME

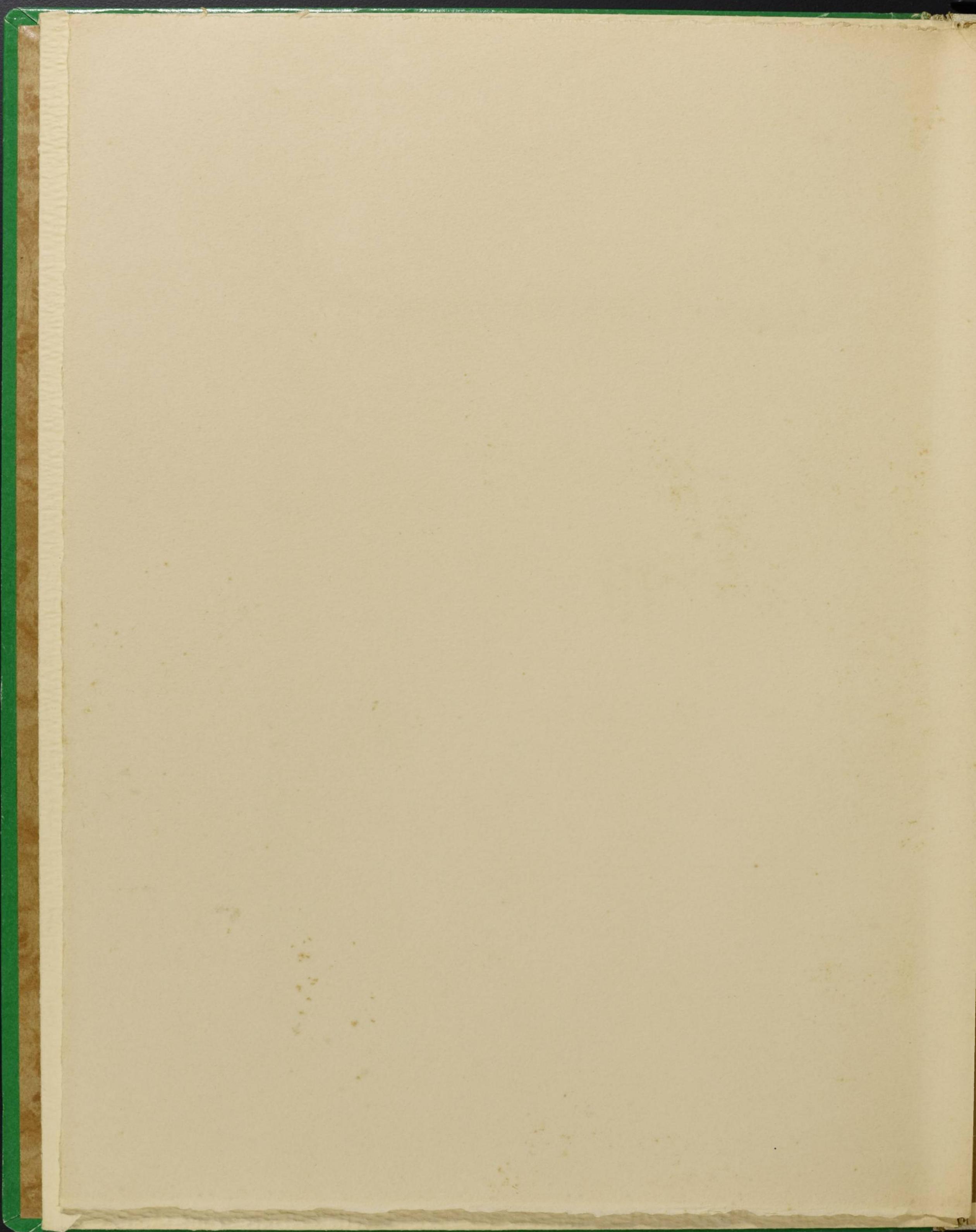
RAIDAS

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





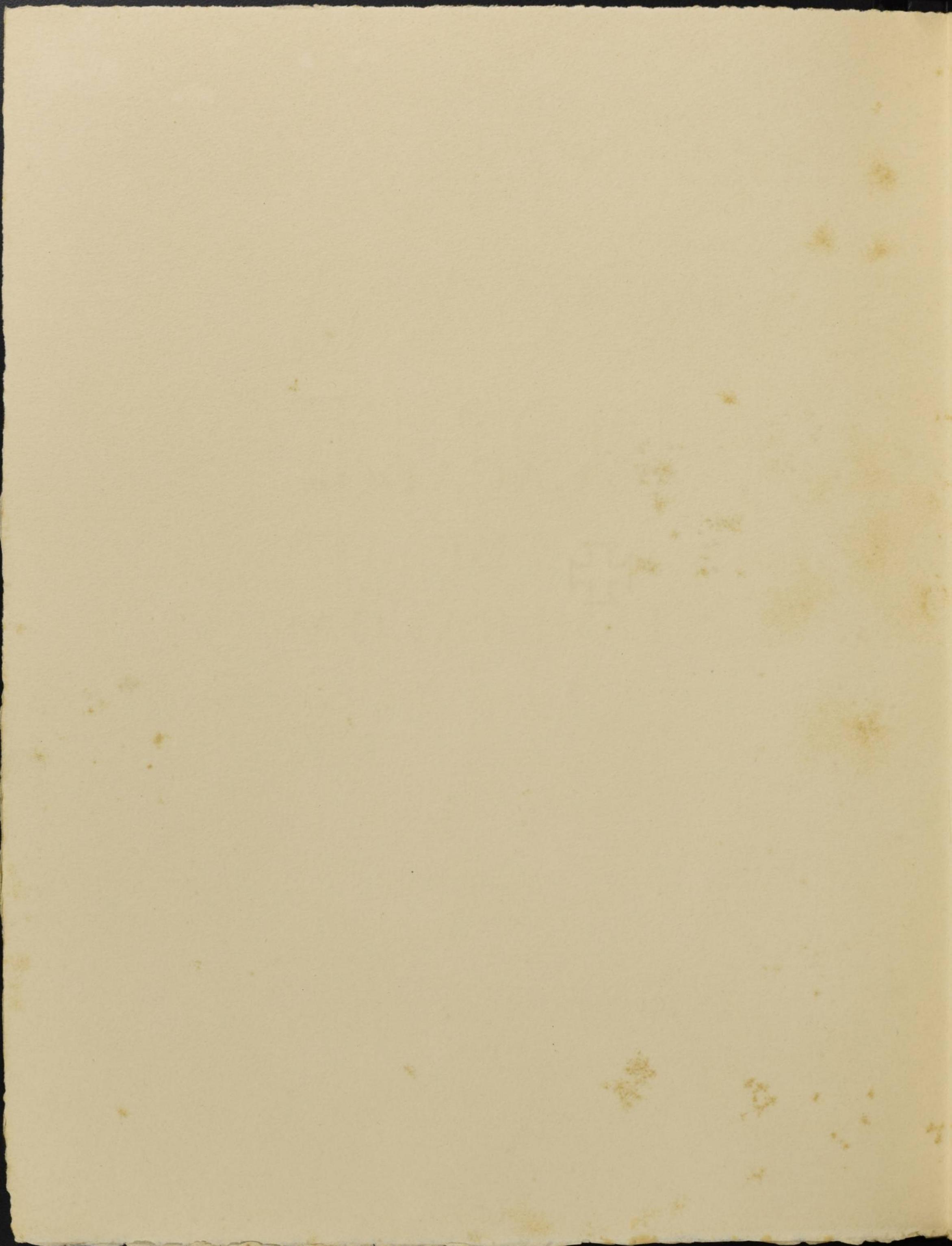
OLAVO BILAC

OCACA
DOR DE
 ESME
RALDAS

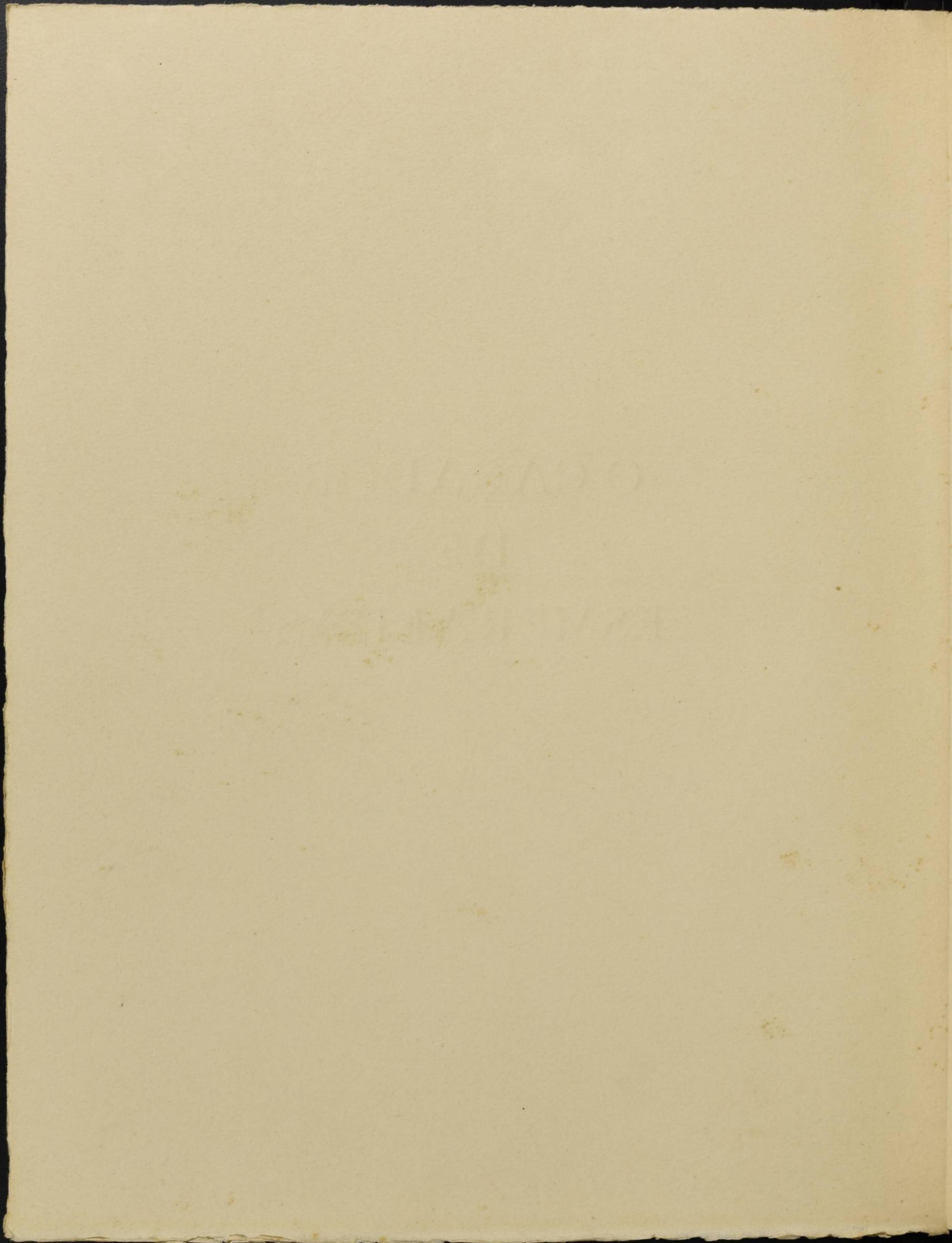
Buris Originais
de
ENRICO BIANCO

CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL

1949



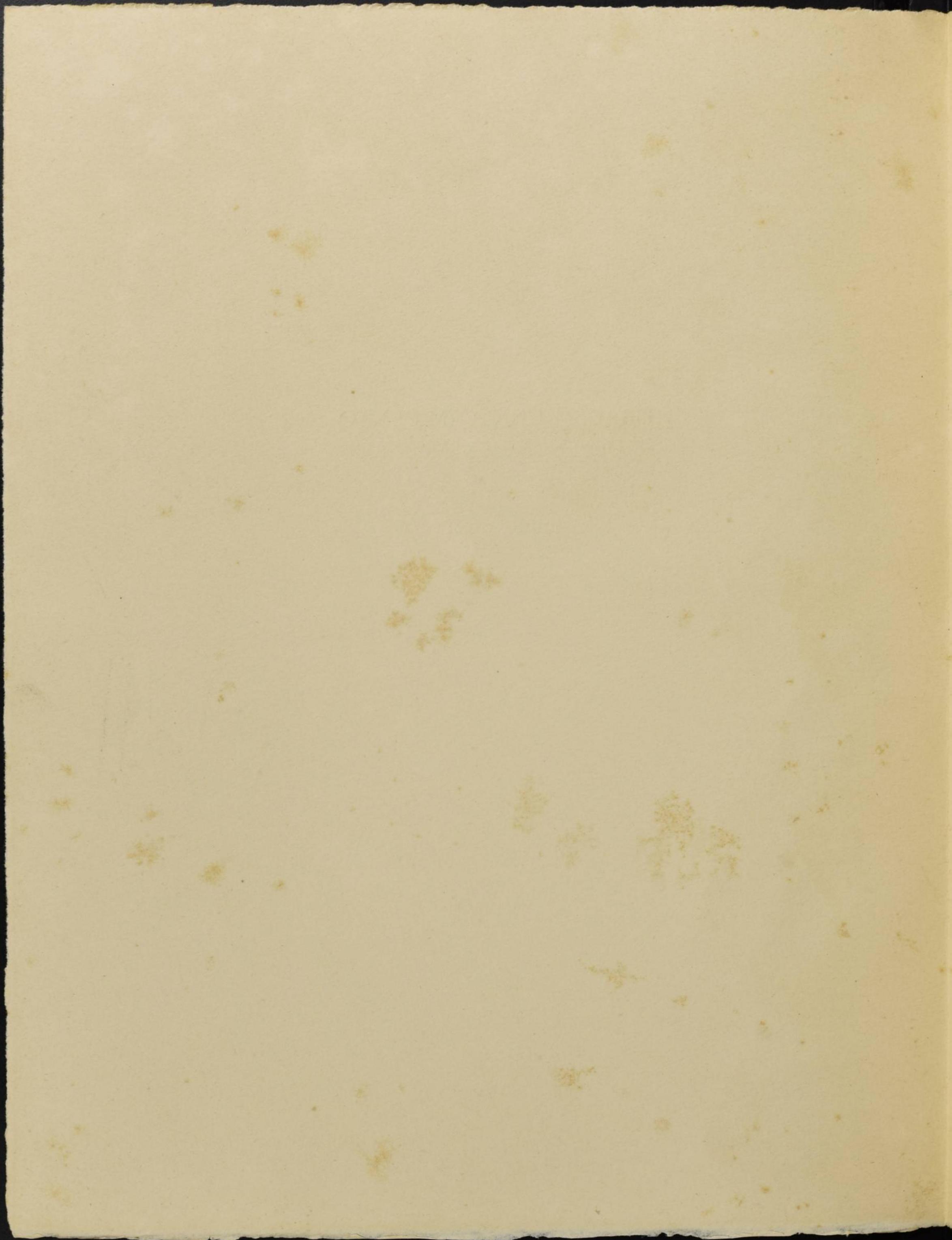
O CAÇADOR
DE
ESMERALDAS

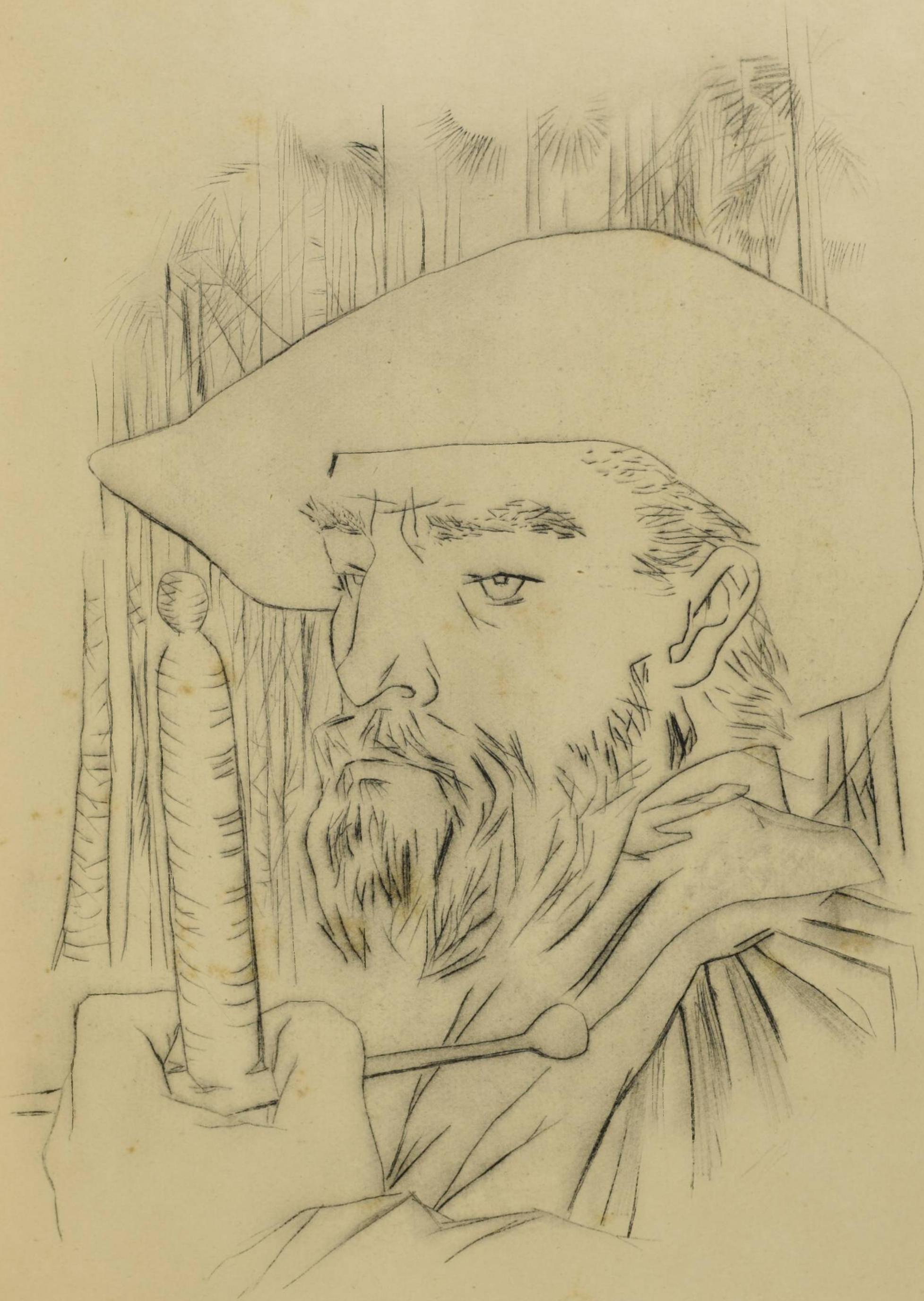


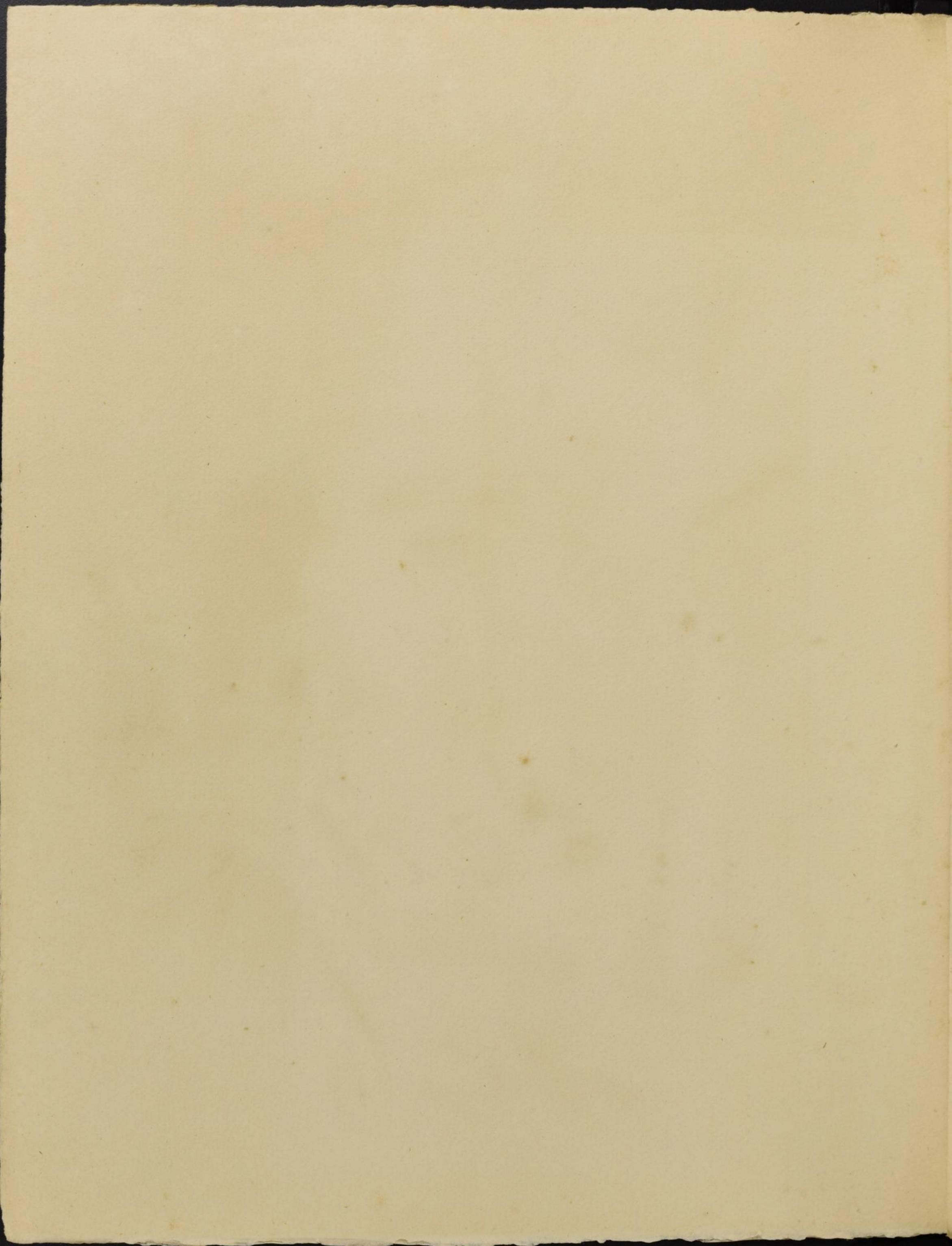
TIRAGEM ÚNICA EM CENTO
E DEZENOVE EXEMPLARES

EXEMPLAR N.º 57
Impresso para

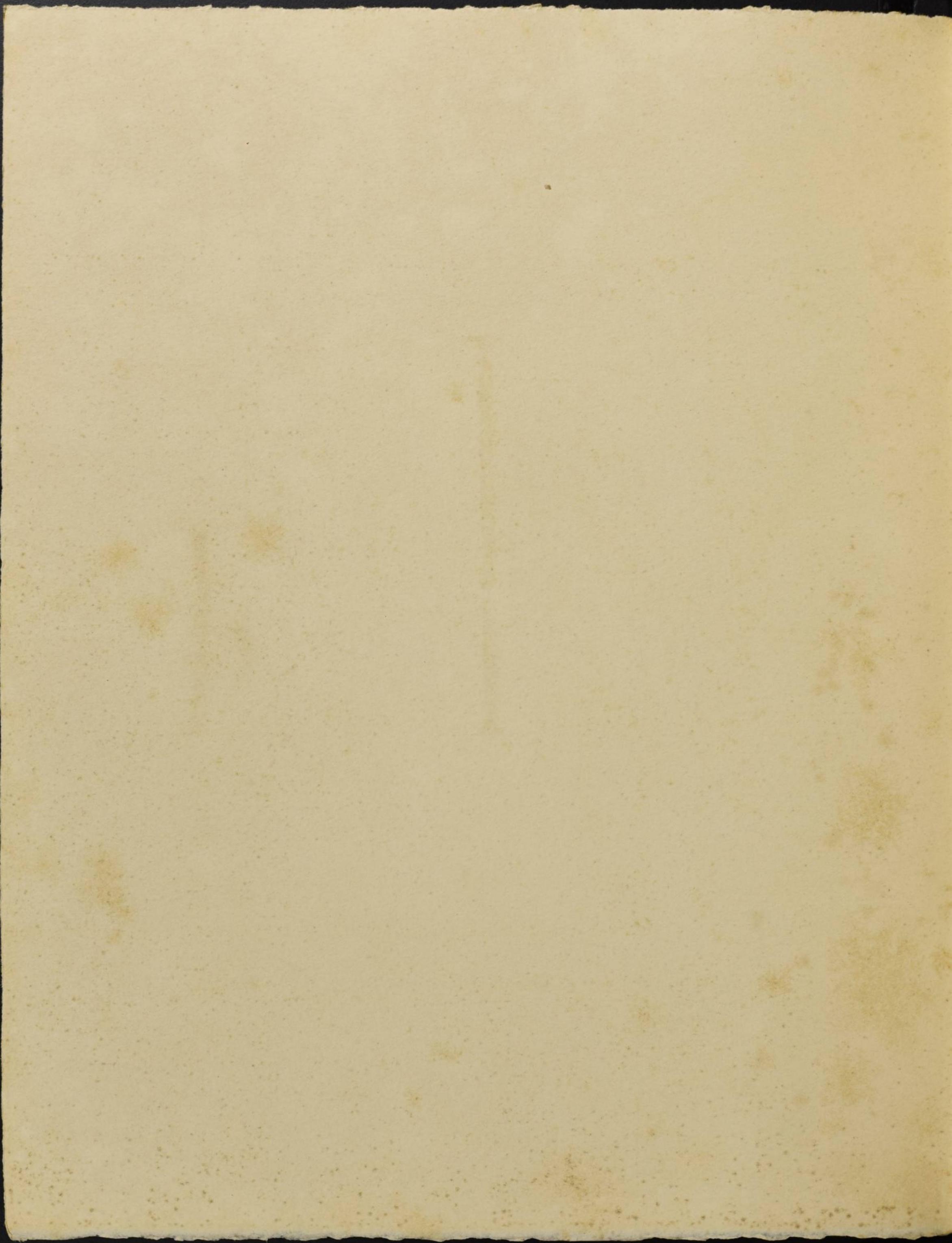
Carlos Pinto Alves







I





F

oi em março, ao findar das chuvas, quasi á entrada
Do outono, quando a terra, em sêde requeimada,
Bebêra longamente as aguas da estação,
Que, em bandeira, buscando esmeraldas e prata,
Á frente dos peões filhos da rude matta,
Fernão Dias Paes Leme entrou pelo sertão.



Ah! quem te vira assim, no alvorecer da vida,
Bruta Patria, no berço, entre as selvas dormida,
No virginal pudor das primitivas éras,
Quando, aos beijos do sol, mal comprehendendo o anceio
Do mundo por nascer que trazias no seio,
Reboavas ao tropel dos indios e das feras!



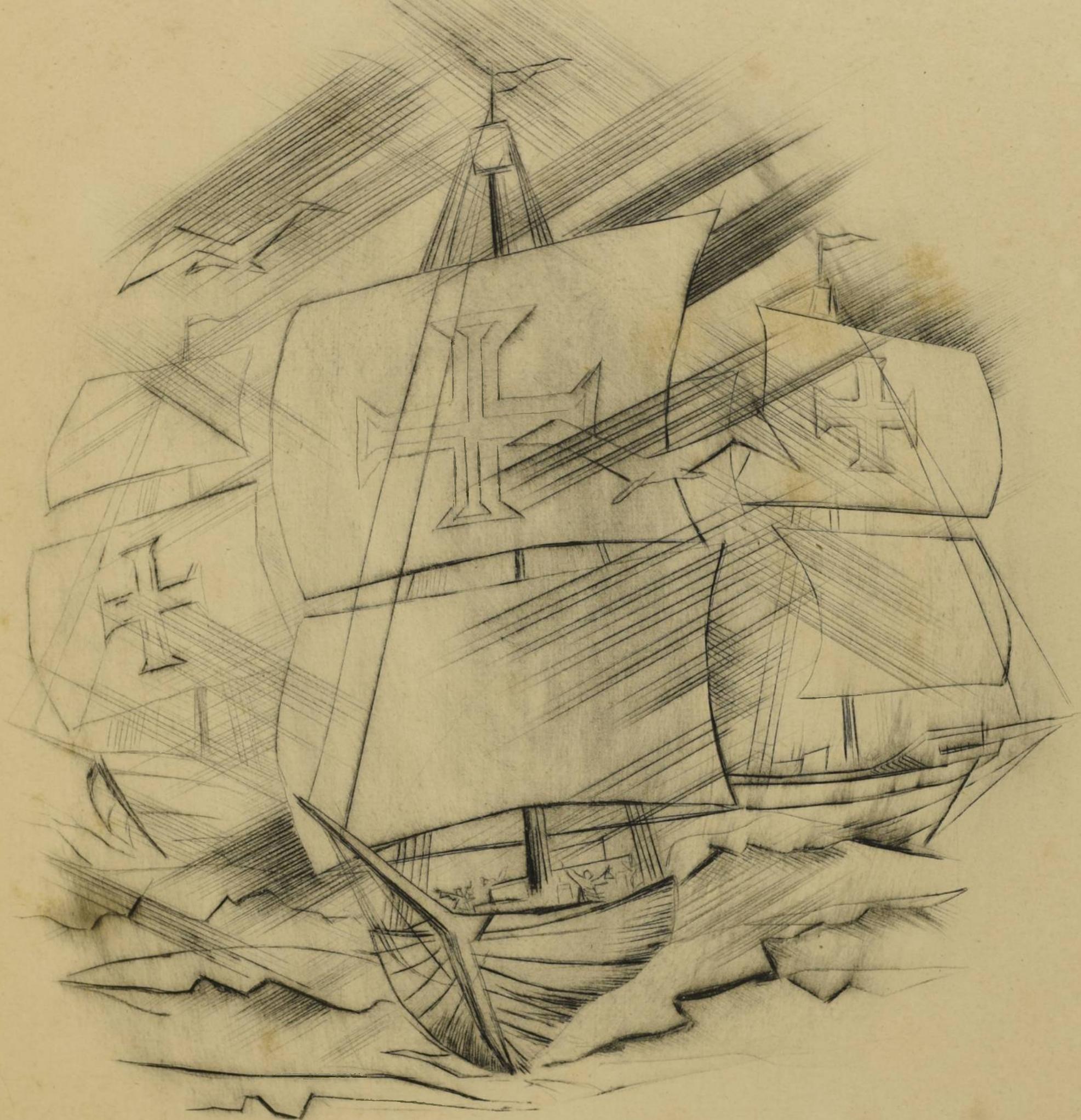
J

á lá fóra, da ourela azul das enseadas,
Das angras verdes, onde as aguas repousadas
Vêm, borbulhando, á flor dos cachopos cantar;
Das abras e da foz dos tumultuosos rios,
Tomadas de pavor, dando contra os baixios,
As pirógas dos teus fugiam pelo mar...



D

e longe, ao duro vento oppondo as largas velas,
Bailando ao furacão, vinham as caravelas,
Entre os uivos do mar e o silencio dos astros;
E tu, do littoral, de rojo nas areias,
Vias o oceano arfar, vias as ondas cheias
De uma palpitação de prôas e de mastros.



Pelo deserto immenso e líquido, os penhascos
Feriam-n'as em vão, roiam-lhes os cascos...
A quantas, quanta vez, rodando aos ventos máus,
O primeiro pégão, como a baixeiros, quebrava!
E lá iam, no alvor da espumarada brava,
Despojos da ambição, cadáveres de náus...



O

utras vinham, na febre heroica da conquista!

E quando, de entre os véos das neblinas, á vista

Dos nautas fulgurava o teu verde sorriso,

Os seus olhos, ó Patria, enchiam-se de pranto:

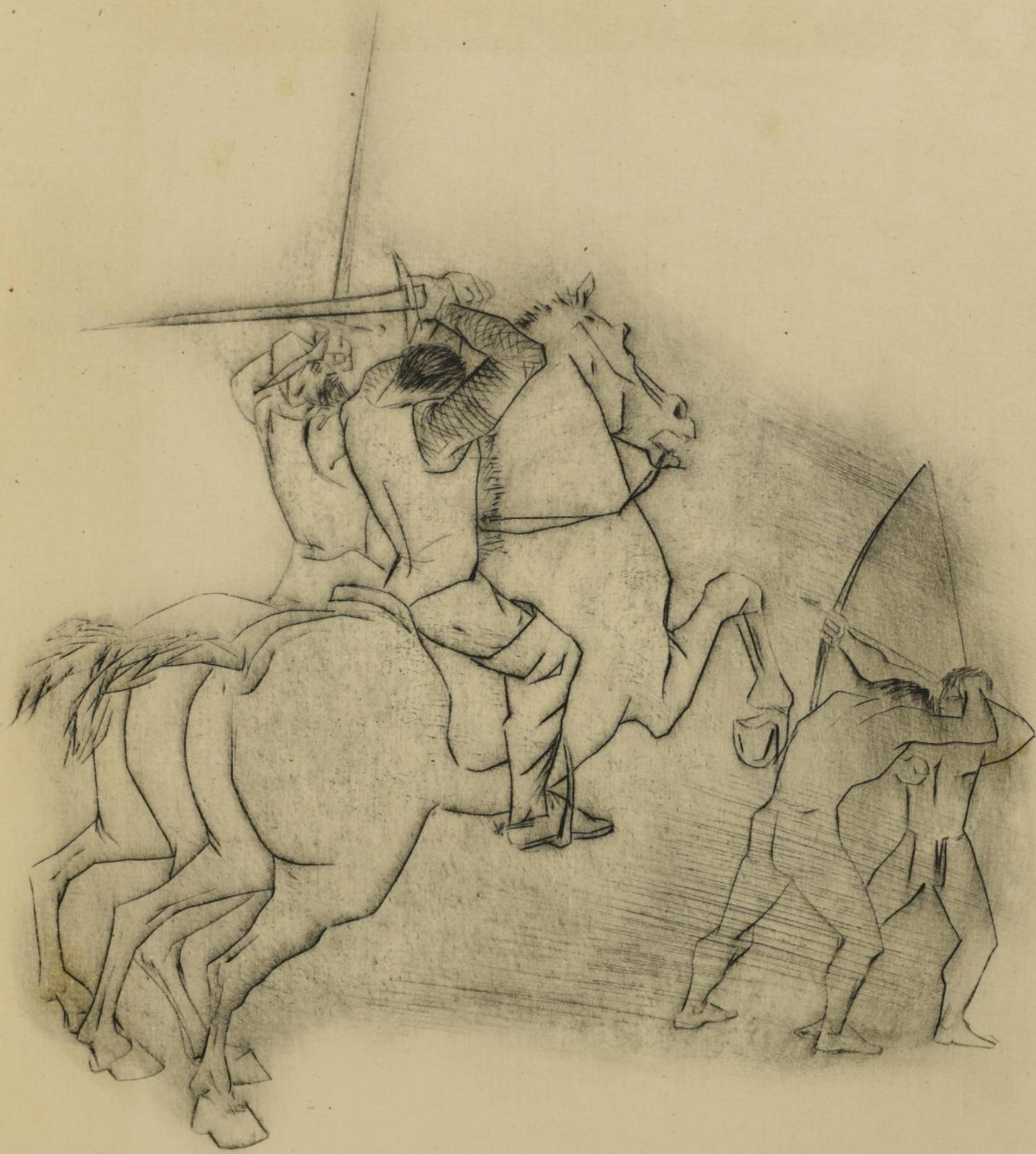
Era como se, erguendo a ponta do teu manto,

Vissem, á beira d'agua, abrir-se o Paraíso!



M

ais numerosa, mais audaz, de dia em dia,
Engrossava a invasão. Como a enchente bravia,
Que sobre as terras, palmo a palmo, abre o lençol
Da agua devastadora, os brancos avançavam:
E os teus filhos de bronze ante elles recuavam,
Como a sombra recúa ante a invasão do sol.



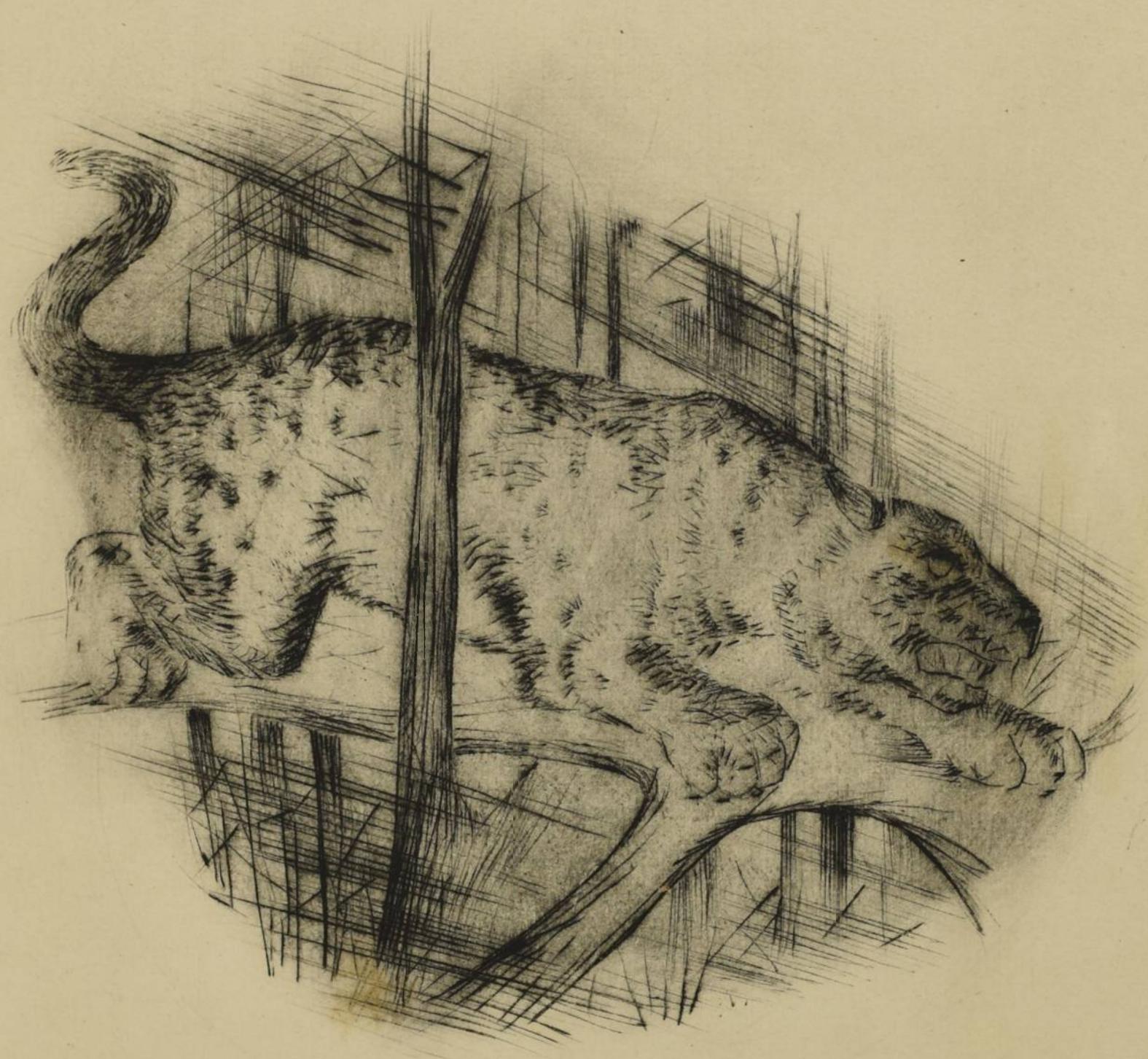
J

á nas faldas da serra apinhavam-se aldeias;
Levantava-se a cruz sobre as alvas areias,
Onde, ao brando mover dos leques das jussáras,
Vivera e progredira a tua gente forte...
Soprára a destruição, como um vento de morte,
Desterrando os pagés, abatendo as cahiçaras.



M

as além, por detraz das broncas serranias,
Na cerrada região das florestas sombrias,
Cujos troncos, rompendo as lianas e os cipós,
Alastravam no céu leguas de rama escura;
Nos mattagaes, em cuja horrivel espessura
Só corria a anta leve e uivava a onça feroz;



A
lém da aspera brenha, onde as tribus errantes
Á sombra maternal das arvores gigantes
Acampavam; além das socegadas aguas
Das lagôas, dormindo entre aningaes floridos;
Dos rios, acachoando em quedas e bramidos,
Mordendo os alcantis, roncando pelas fraguas;



A

hi, não ia echoar o estrupido da luta...

E, no seio nutriz da natureza bruta,

Resguardava o pudor teu verde coração!

Ah! quem te vira assim, entre as selvas sonhando,

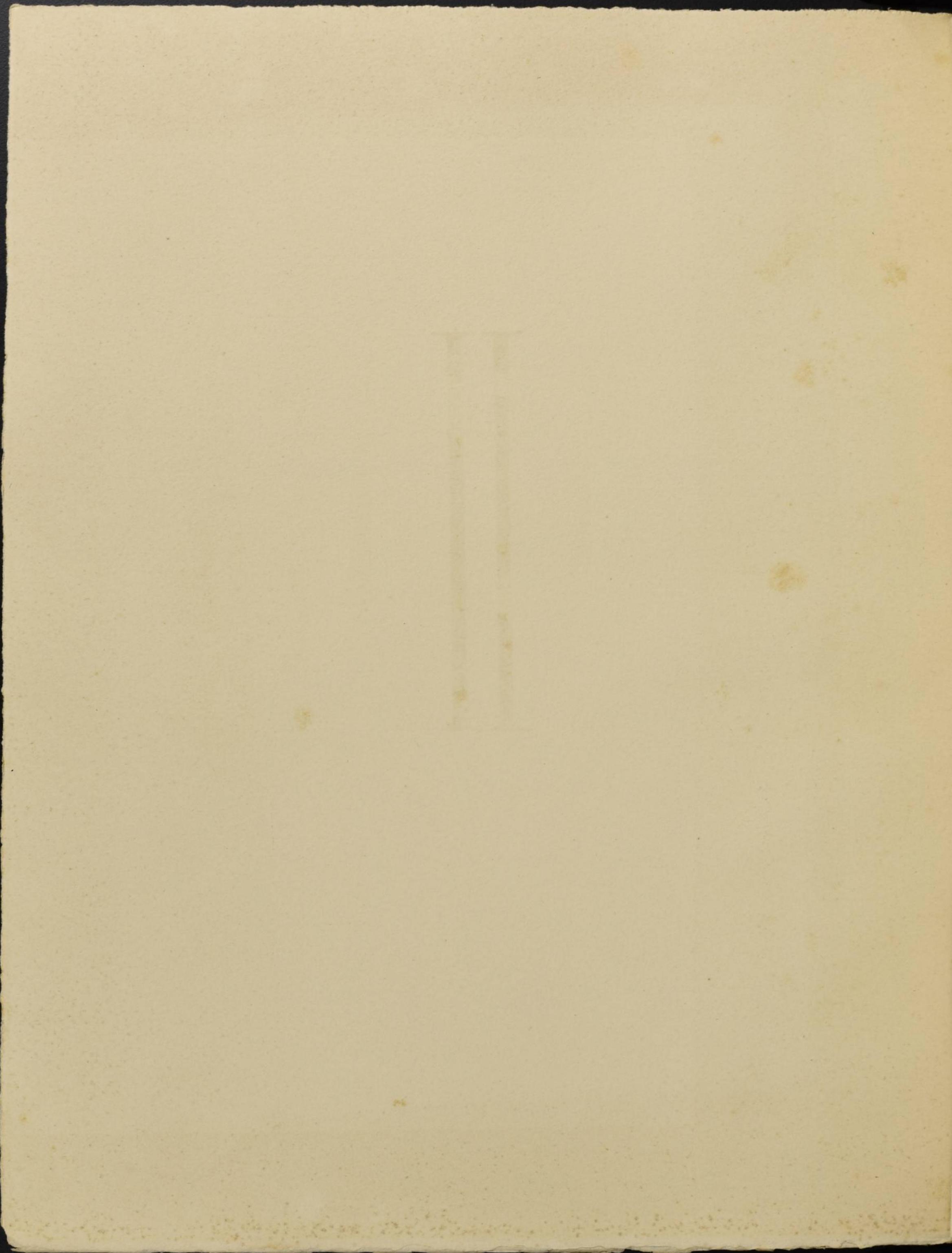
Quando a bandeira entrou pelo teu seio, quando

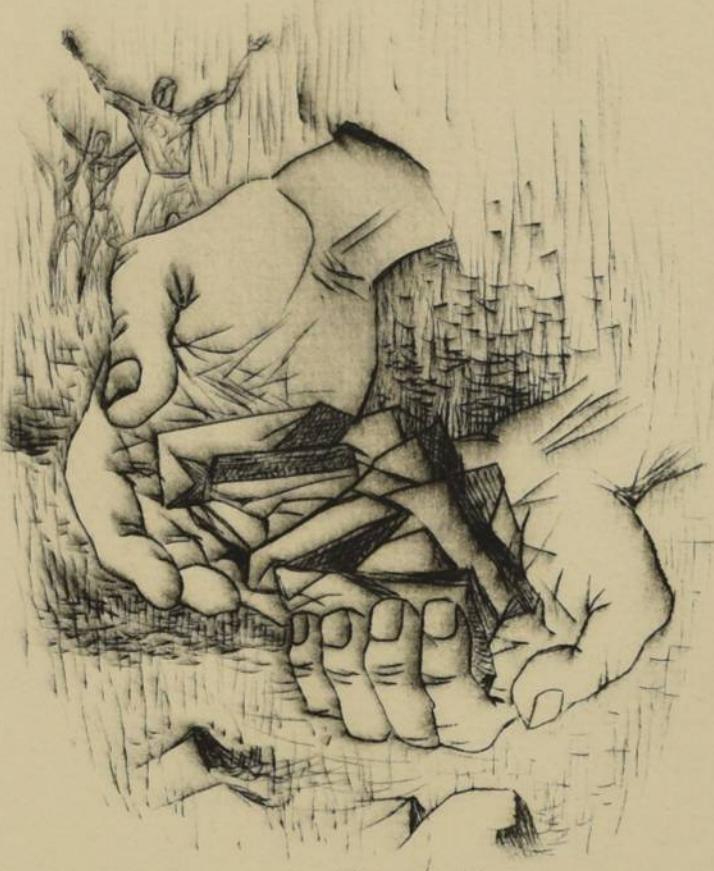
Fernão Dias Paes Leme invadiu o sertão!



III

III





P
ara o norte inclinando a lombada brumosa,
Entre os nateiros jaz a serra mysteriosa;
A azul Vupabussú beija-lhe as verdes faldas,
E aguas crespas, galgando abysmos e barrancos
Atulhados de prata, humedecem-lhe os flancos
Em cujos socavões dormem as esmeraldas.



V

erde sonho!... é a jornada ao paiz da Loucura!

Quantas bandeiras já, pela mesma aventura

Levadas, em tropel, na ancia de enriquecer!

Em cada tremedal, em cada escarpa, em cada

Brenha rude, o luar beija á noite uma ossada,

Que vêm, a uivar de fome, as onças remexer...



Q

ue importa o desamparo em meio do deserto,
E essa vida sem lar, e esse vaguear incerto
De terror em terror, lutando braço a braço
Com a inclemencia do céo e a dureza da sorte?
Serra bruta! dar-lhe-has, antes de dar-lhe a morte,
As pedras de Cortez que escondes no regaço!



E sete annos, de fio em fio destramando
O mysterio, de passo em passo penetrando
O verde arcano, foi o bandeirante audaz...
Marcha horrenda! derrota implacavel e calma,
Sem uma hora de amor, estrangulando na alma
Toda a recordaçao do que ficava atraz!

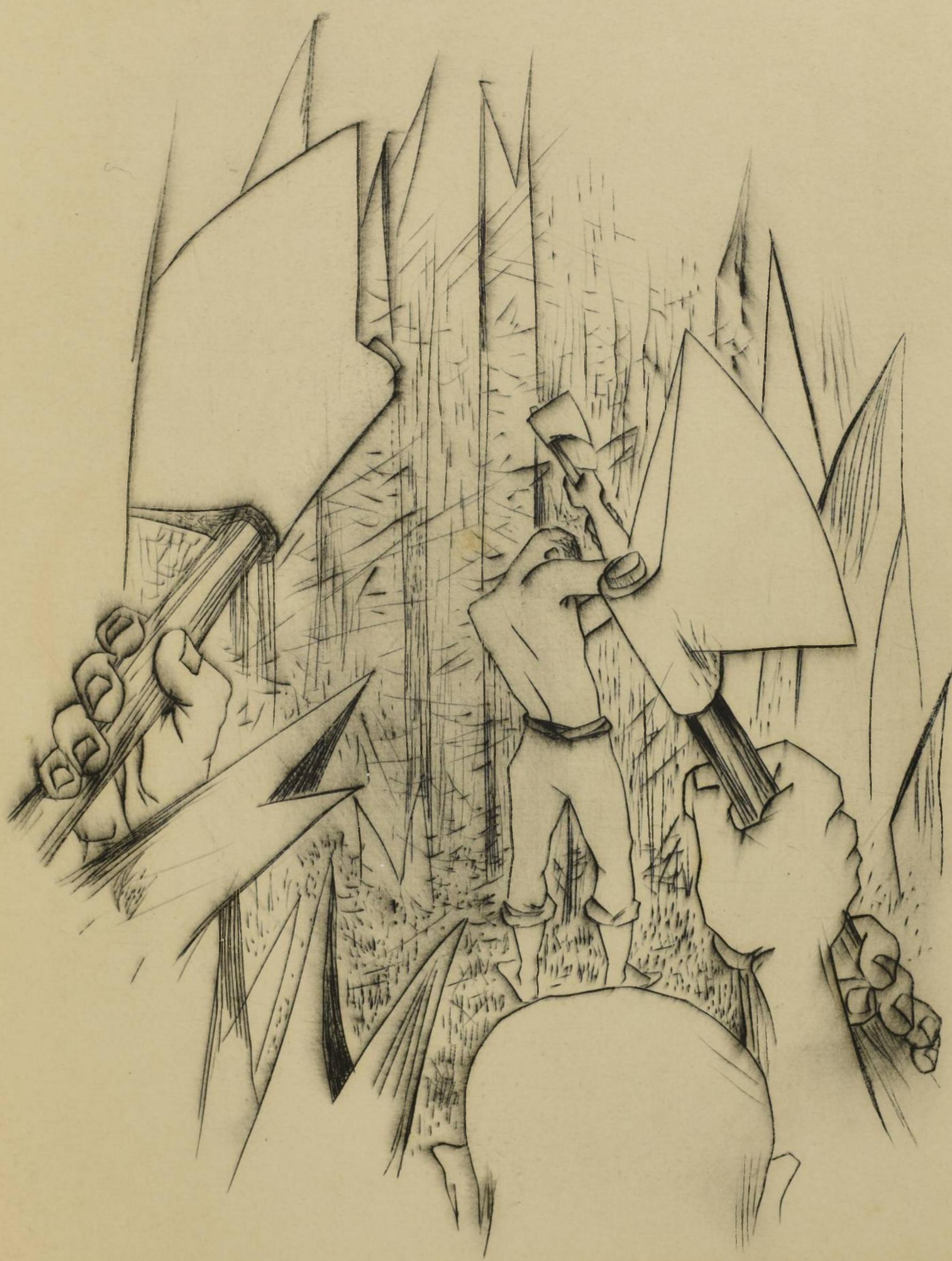


A cada volta, a Morte, afiando o olhar faminto,
Incançavel no ardil, rondando o labyrintho
Em que ás tontas errava a bandeira nas mattas,
Cercando-a com o crescer dos rios iracundos,
Espiando-a no pendor dos boqueirões profundos,
Onde vinham ruir com fragor as cataratas.



A

qui, tapando o espaço, entrelaçando as grenhas
Em negros paredões, levantavam-se as brenhas,
Cuja muralha, em vão, sem a poder dobrar,
Vinham acommetter os temporaes, aos roncos;
E os machados, de sol a sol mordendo os troncos,
Contra esse adarve bruto em vão rodavam no ar.



D
entro, no frio horror das balseiras escuras,
Viscosas e oscillando, humidas colgaduras
Pendiam de cipós na escuridão nocturna;
E um mundo de reptis silvava no negrume;
Cada folha pisada exhalava um queixume,
E uma pupilla má chispava em cada furna.



D

epois, nos chapadões, o rude acampamento:

As barracas, voando em frangalhos ao vento,

Ao granizo, á invernada, á chuva, ao temporal...

E quantos d'elles, nús, sequiosos, no abandono,

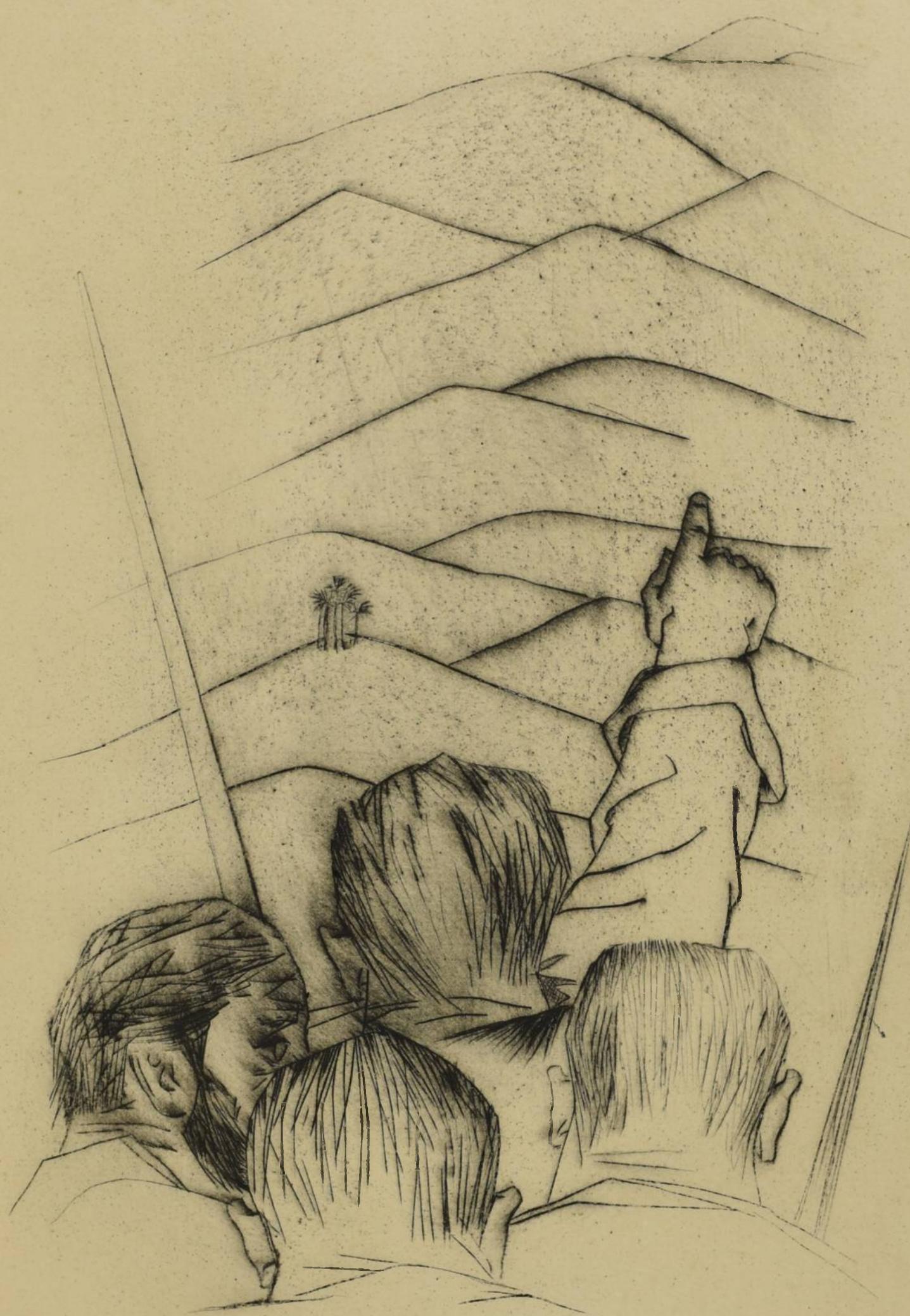
Iam ficando atraz, no derradeiro somno,

Sem chegar ao sopé da collina fatal!



Q

ue importava? Ao clarear da manhã, a companha
Buscava no horizonte o perfil da montanha...
Quando apareceria emfim, vergando a espalda,
Desenhada no céo entre as neblinas claras,
A grande serra, mãe das esmeraldas raras,
Verde e faiscante como uma grande esmeralda?



A vante! e os aguaçaes seguiam-se ás florestas...

Vinham os lamarões, as leziras funestas,
De agua paralysada e decomposta ao sol,
Em cuja face, como um bando de fantasma,
Erravam dia e noite as febres e os miasmas,
Numa ronda lethal sobre o pôdre lençol.



A

gora, o aspero morro, os caminhos fragosos...

Leve, de quando em quando, entre os troncos nodosos

Passa um plumeo cocar, como uma ave que voa...

Uma frecha, subtil, silva e zarguncha... É a guerra!

São os indios! Retumba o echo da bruta serra

Ao tropel... E o estridor da batalha rebôa.



D
epois, os ribeirões, nas levadas, transpondo
As ribas, rebramando, e de estrondo em estrondo
Inchando em macaréos o seio destruidor,
E desenraízando os troncos seculares,
No esto da alluvião estremecendo os ares,
E indo torvos rolar nos valles com fragor...



S

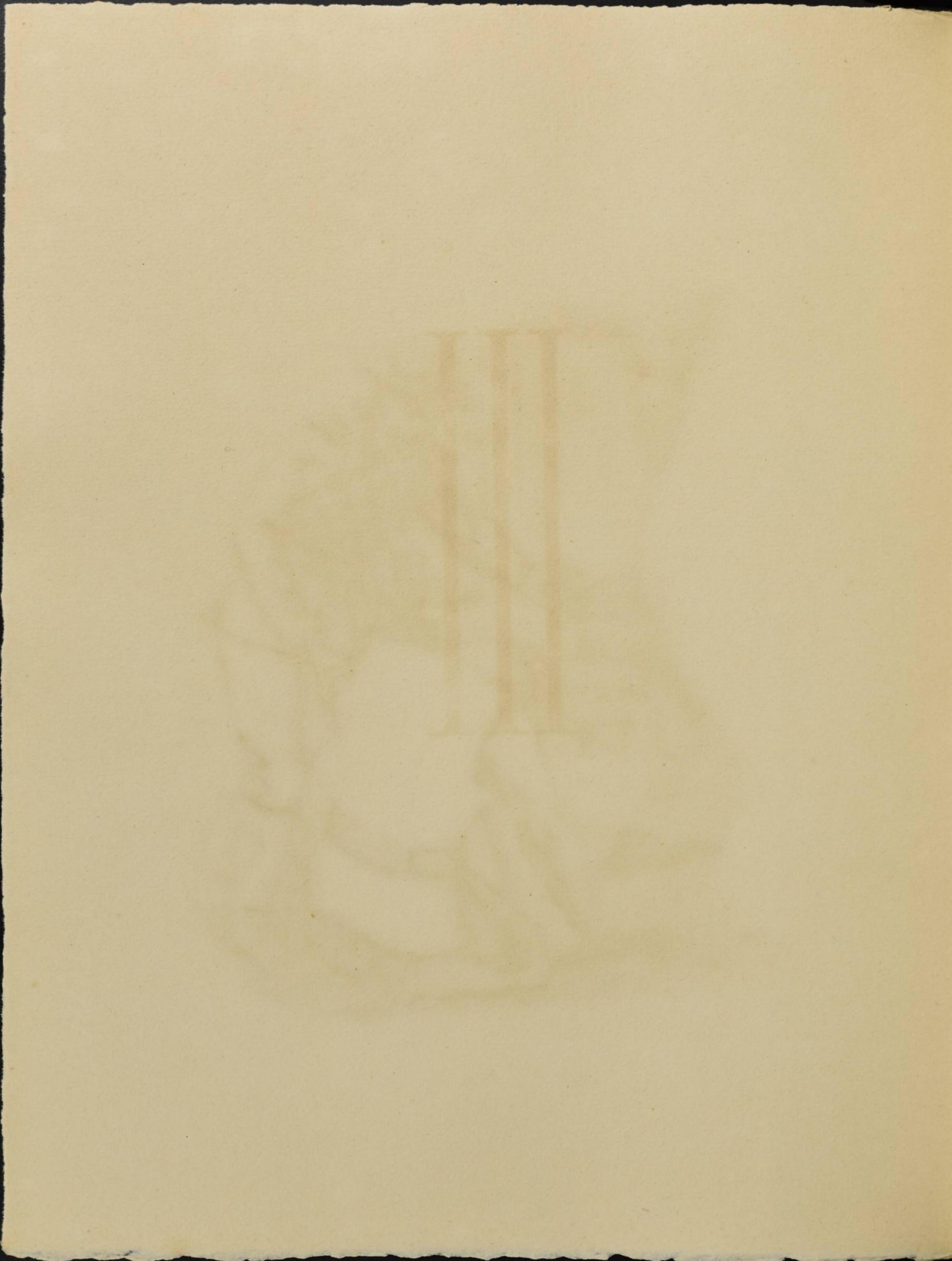
ete annos! combatendo indios, febres, paludes,
Feras, reptis, contendo os sertanejos rudes,
Dominando o furor da amotinada escolta...
Sete annos!... E eil-o volta, emfim, com o seu thesouro!
Com que amor, contra o peito, a sacola de couro
Aperta, a transbordar de pedras verdes! volta...



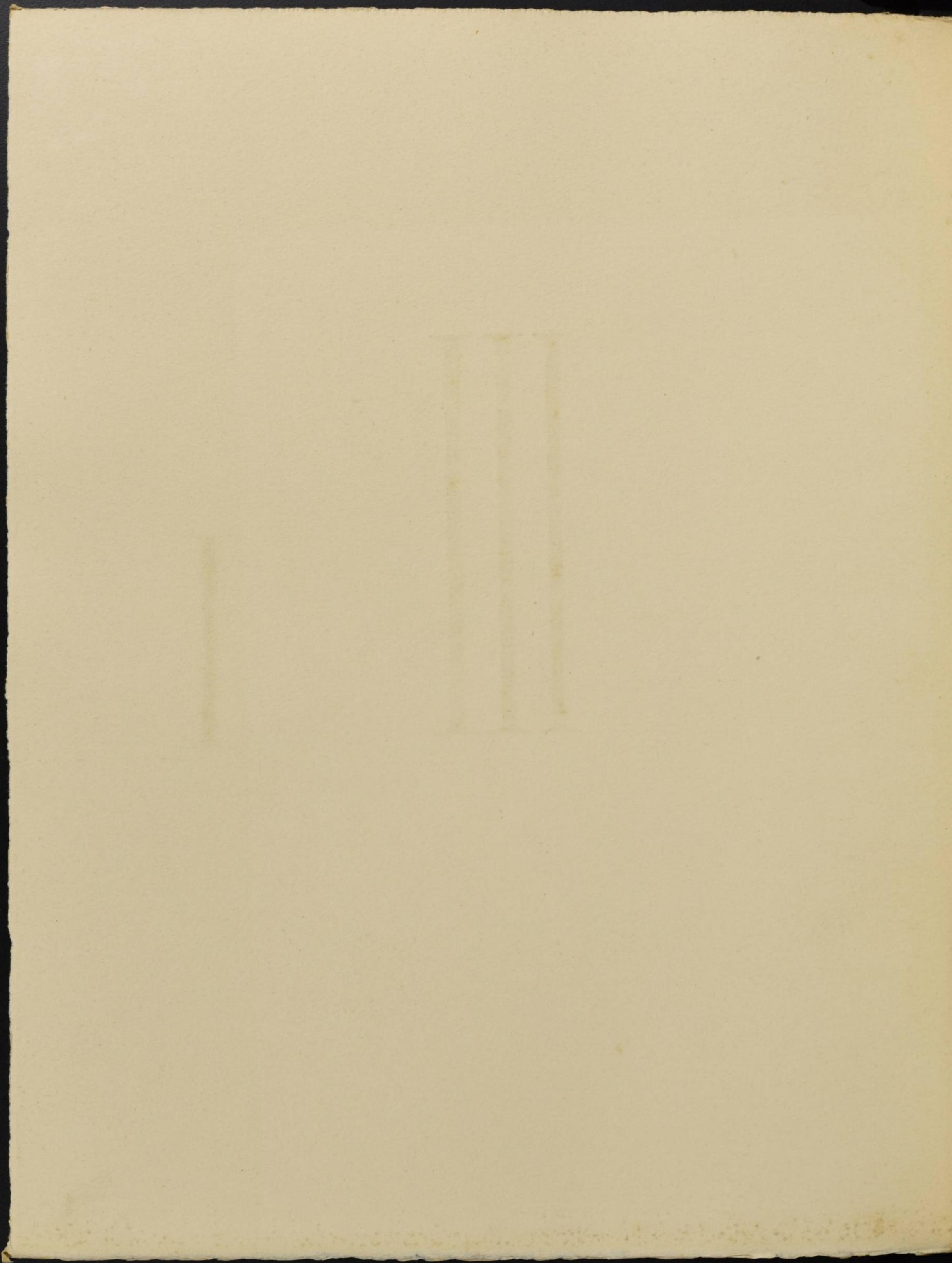
M

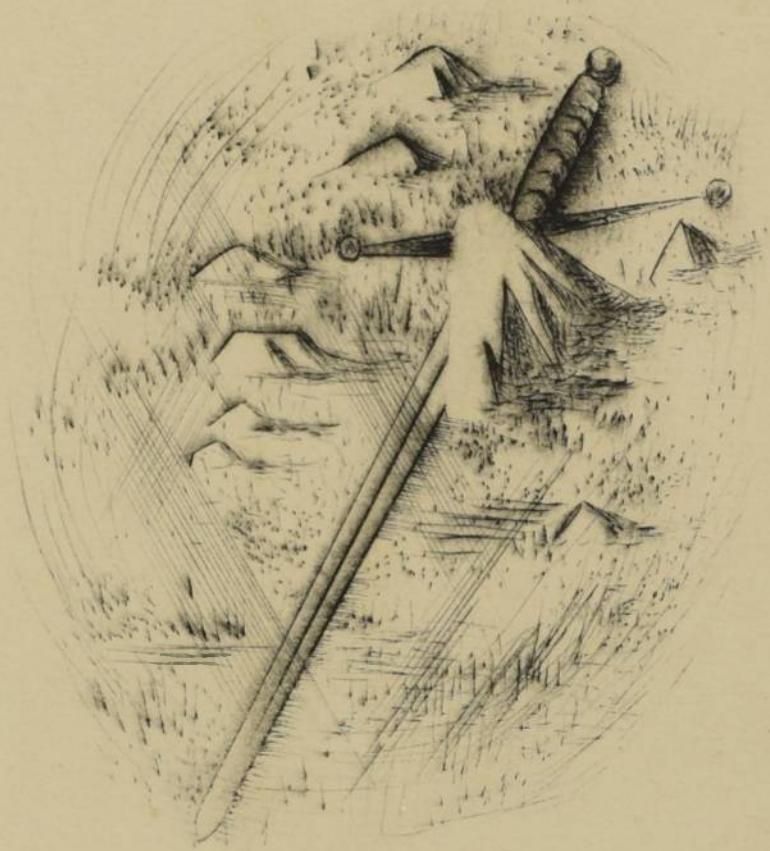
as num desvão da matta, uma tarde, ao sol posto,
Pára. Um frio livor se lhe espalha no rosto...
É a febre! O Vencedor não passará d'allí!
Na terra que venceu ha-de cahir vencido:
É a febre: é a morte! E o Heróe, tropeço e envelhecido,
Roto, e sem forças, cár junto do Guaycuhy...



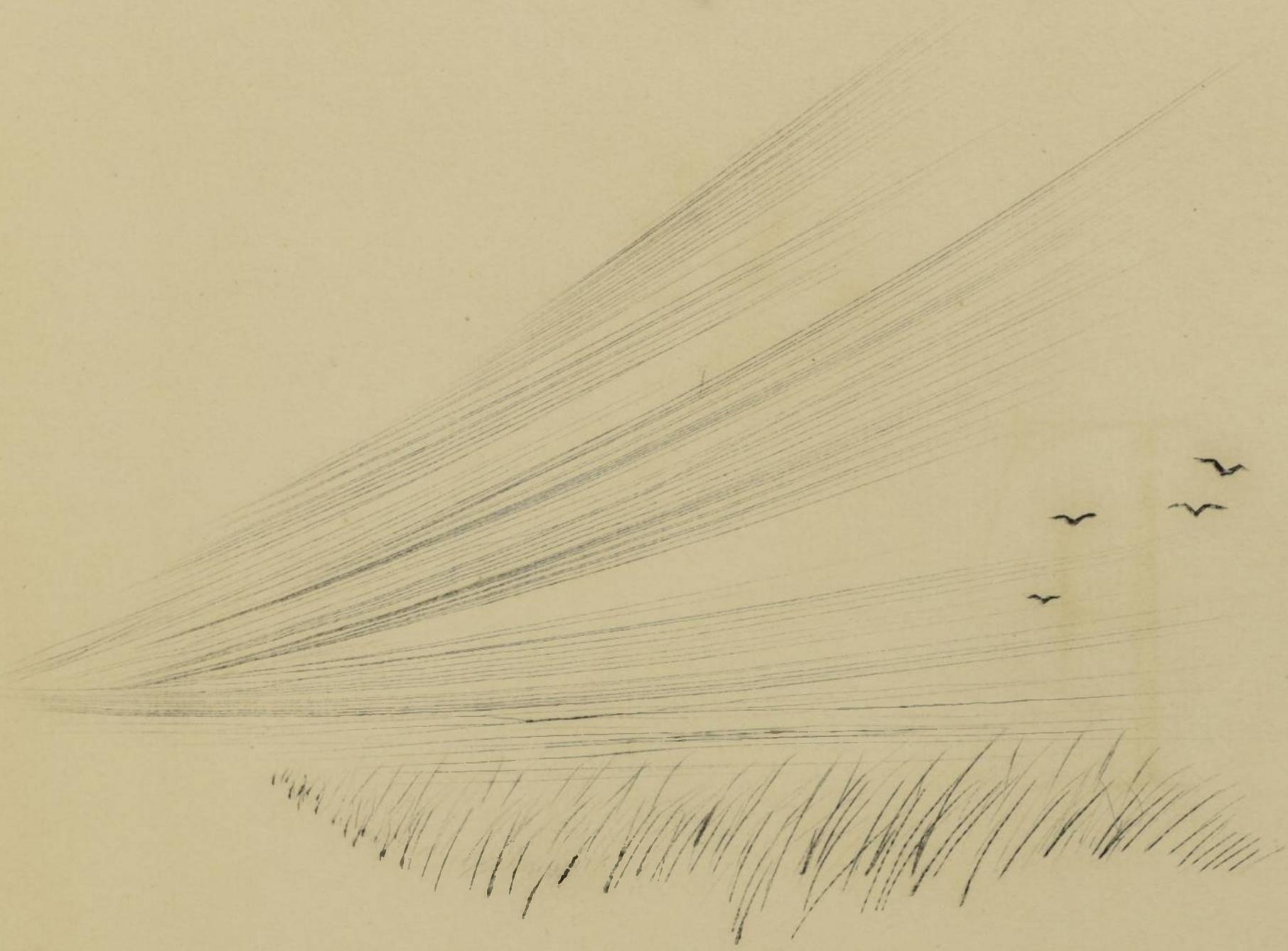


III





Fernão Dias Paes Leme agoniza. Um lamento
Chora longo, a rolar na longa voz do vento.
Mugem soturnamente as aguas. O céo arde.
Trasmonta fulvo o sol. E a natureza assiste,
Na mesma solidão e na mesma hora triste,
Á agonia do heróe e á agonia da tarde.



Piam perto, na sombra, as aves agoireiras.
Silvam as cobras. Longe, as feras carniceiras
Uivam nas lapas. Desce a noite, como um véo...
Pallido, no pallor da luz, o sertanejo
Estorce-se no crebro e derradeiro arquejo.
Fernão Dias Paes Leme agoniza, e olha o céo.





h! esse ultimo olhar ao firmamento! A vida
Em surtos de paixão e febre repartida,
Toda, num só olhar, devorando as estrellas!
Esse olhar, que sáe como um beijo da pupilla,
Que as implora, que bebe a sua luz tranquilla,
Que morre... e nunca mais, nunca mais ha-de vel-as!



Estrelas todas, enchendo o céo, de canto a canto...

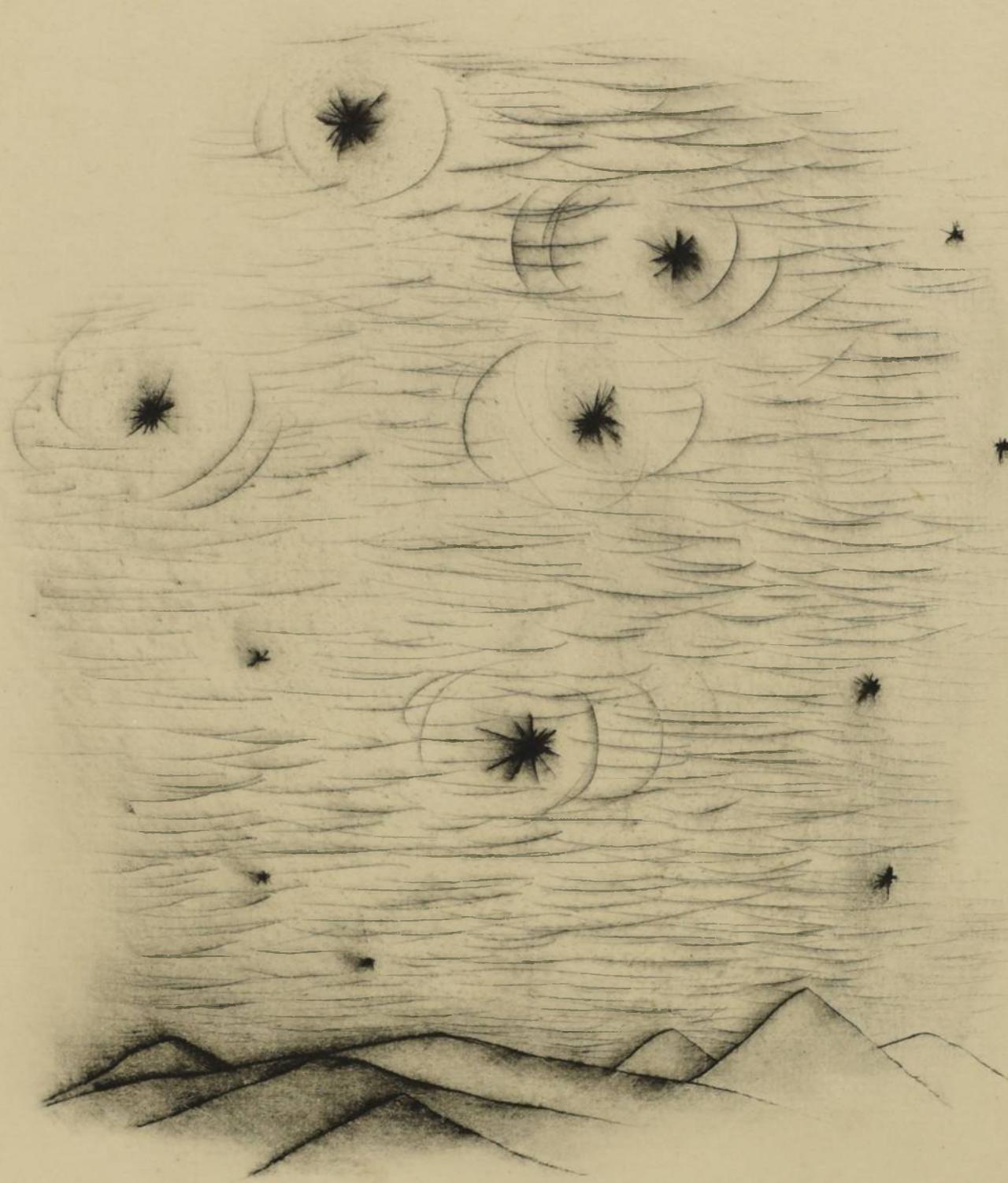
Nunca assim se espalhou, resplandecendo tanto,

Tanta constelação pela planicie azul!

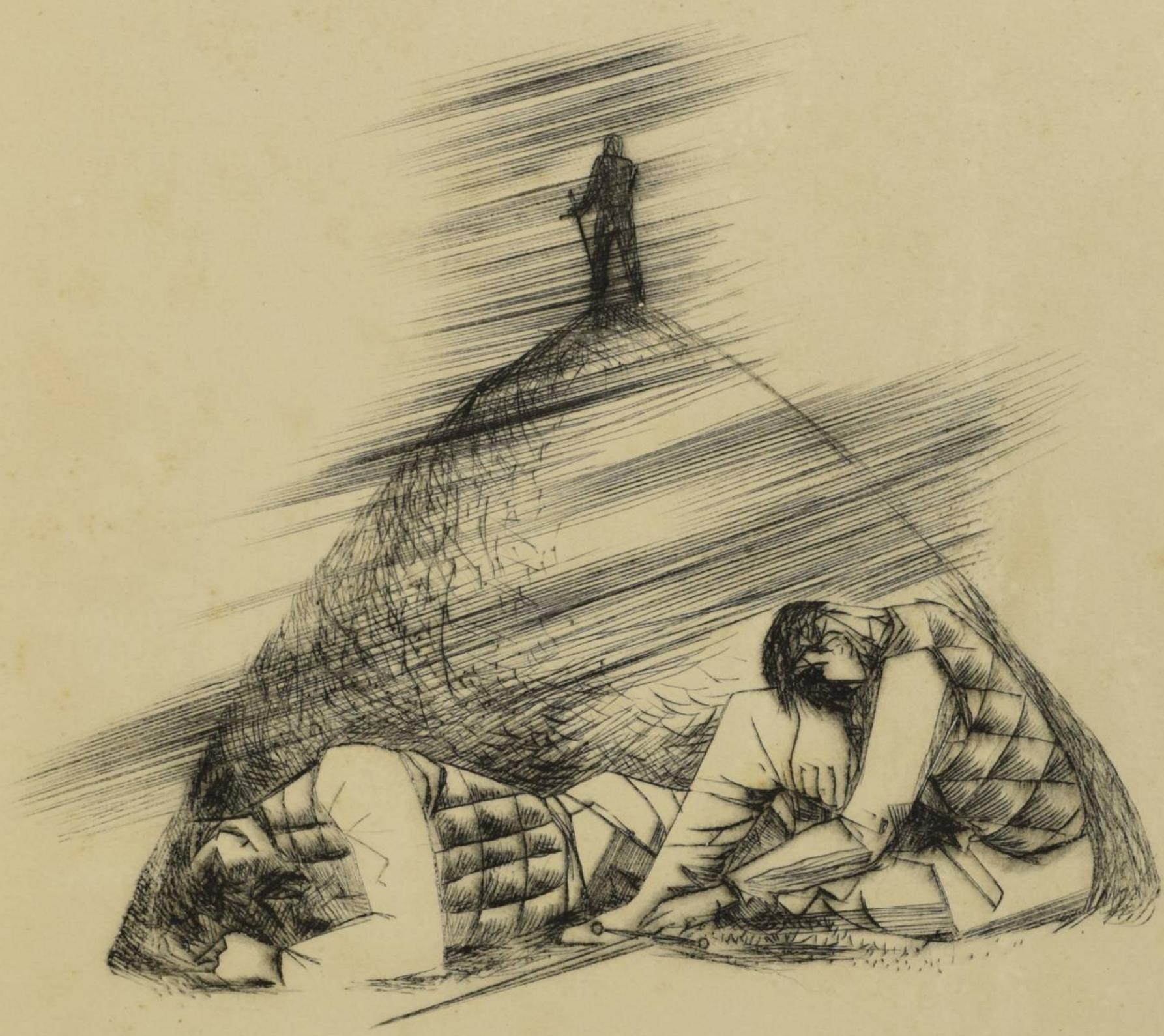
Nunca Venus assim fulgiu! Nunca tão perto,

Nunca com tanto amor sobre o sertão deserto

Pairou tremulamente o Cruzeiro do Sul!

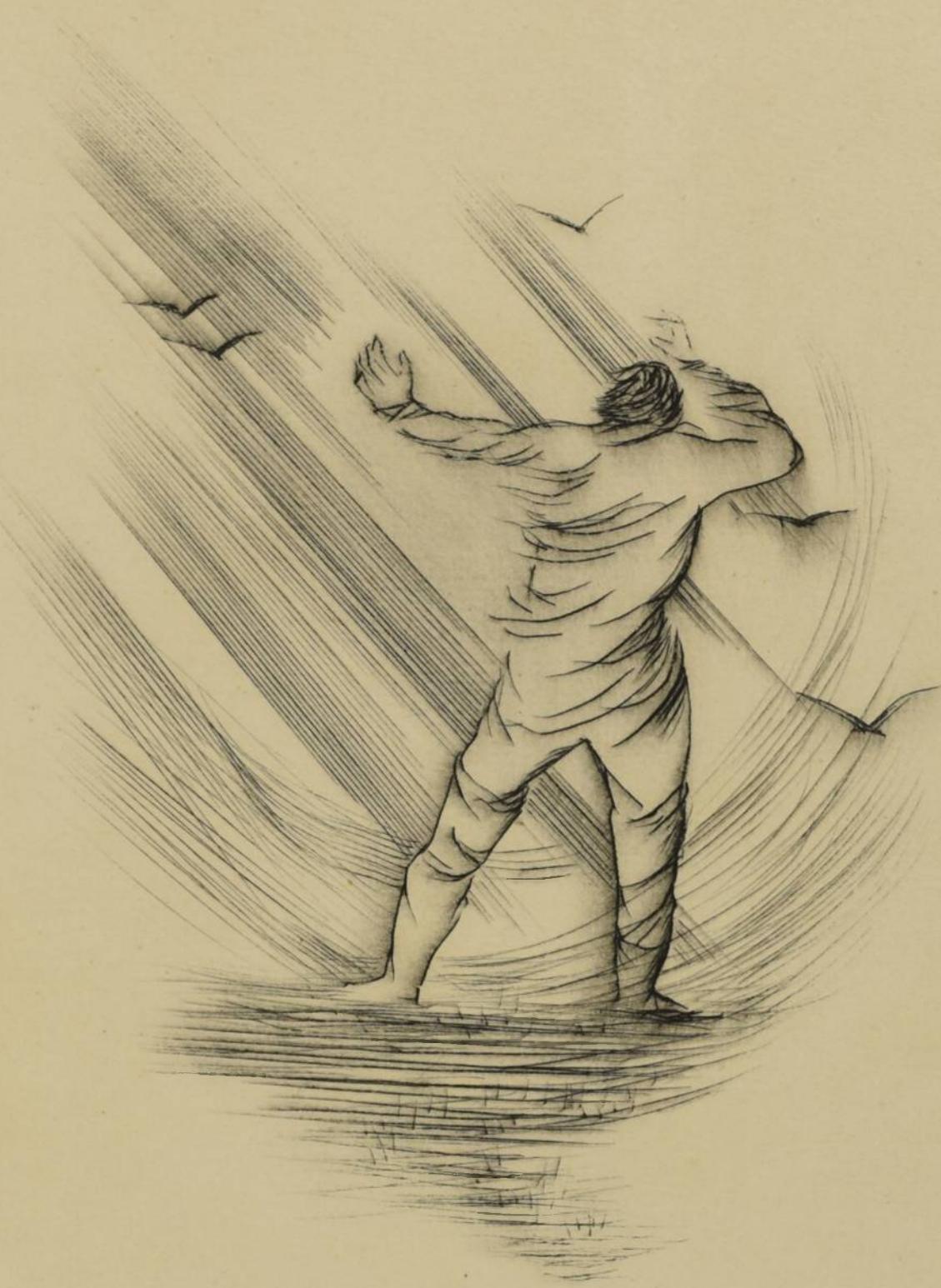


Noites de outr'ora!... Em quanto a bandeira dormia
Exhausta, e aspero o vento em derredor zunia,
E a voz do noitibó soava como um agouro,
Quantas vezes Fernão, do cabeço de um monte,
Via lenta subir do fundo do horizonte
A clara procissão d'essas bandeiras de ouro!



A

deus, astros da noite! Adeus, frescas ramagens
Que a aurora desmanchava em perfumes selvagens!
Ninhos cantando no ar! suspensos gynecêos
Resoantes de amor! outonos bemfeitores!
Nuvens e aves, adeus! adeus, feras e flores!
Fernão Dias Paes Leme espera a morte... Adeus!





Sertanista ousado agoniza, sósinho...

Empasta-lhe o suor a barba em desalinho;
E com a roupa de couro em farrapos, deitado,
Com a garganta afogada em uivos, ululante,
Entre os troncos da brenha hirsuta, o Bandeirante
Jaz por terra, á feição de um tronco derribado...



E

o delirio começa. A mão, que a febre agita,
Ergue-se, treme no ar, sóbe, descamba afflictá,
Crispa os dedos, e sonda a terra, e escarva o chão:
Sangra as unhas, revolve as raizes, acerta,
Agarra o sacco, e apalpa-o, e contra o peito o aperta,
Como para o enterrar dentro do coração.



A

h! misero demente! o teu thesouro é falso!

Tu caminhaste em vão, por sete annos, no encalço

De uma nuvem falaz, de um sonho malfazejo!

Enganou-te a ambição! mais pobre que um mendigo,

Agonizas, sem luz, sem amor, sem amigo,

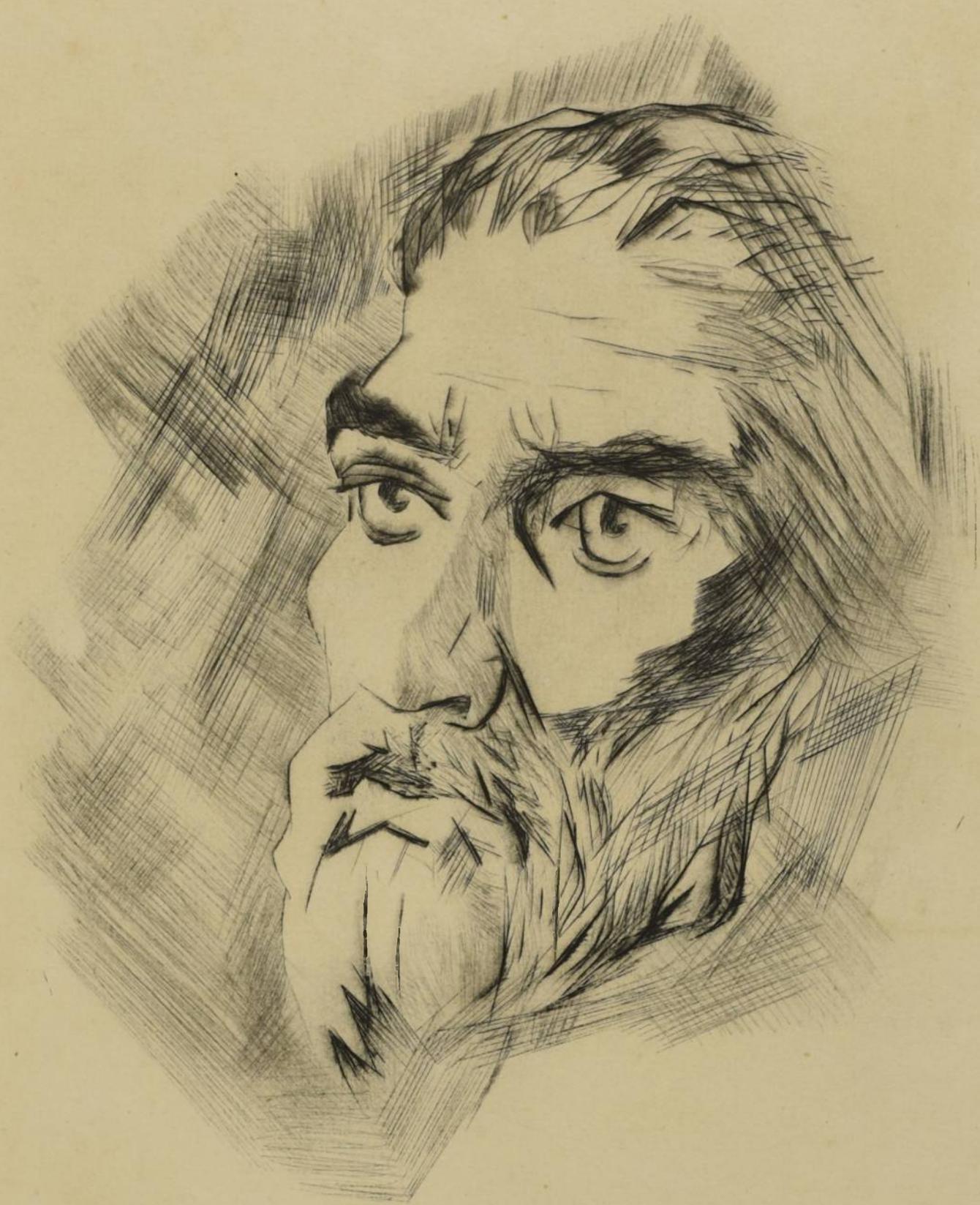
Sem ter quem te conceda a extrema-uncção de um beijo!

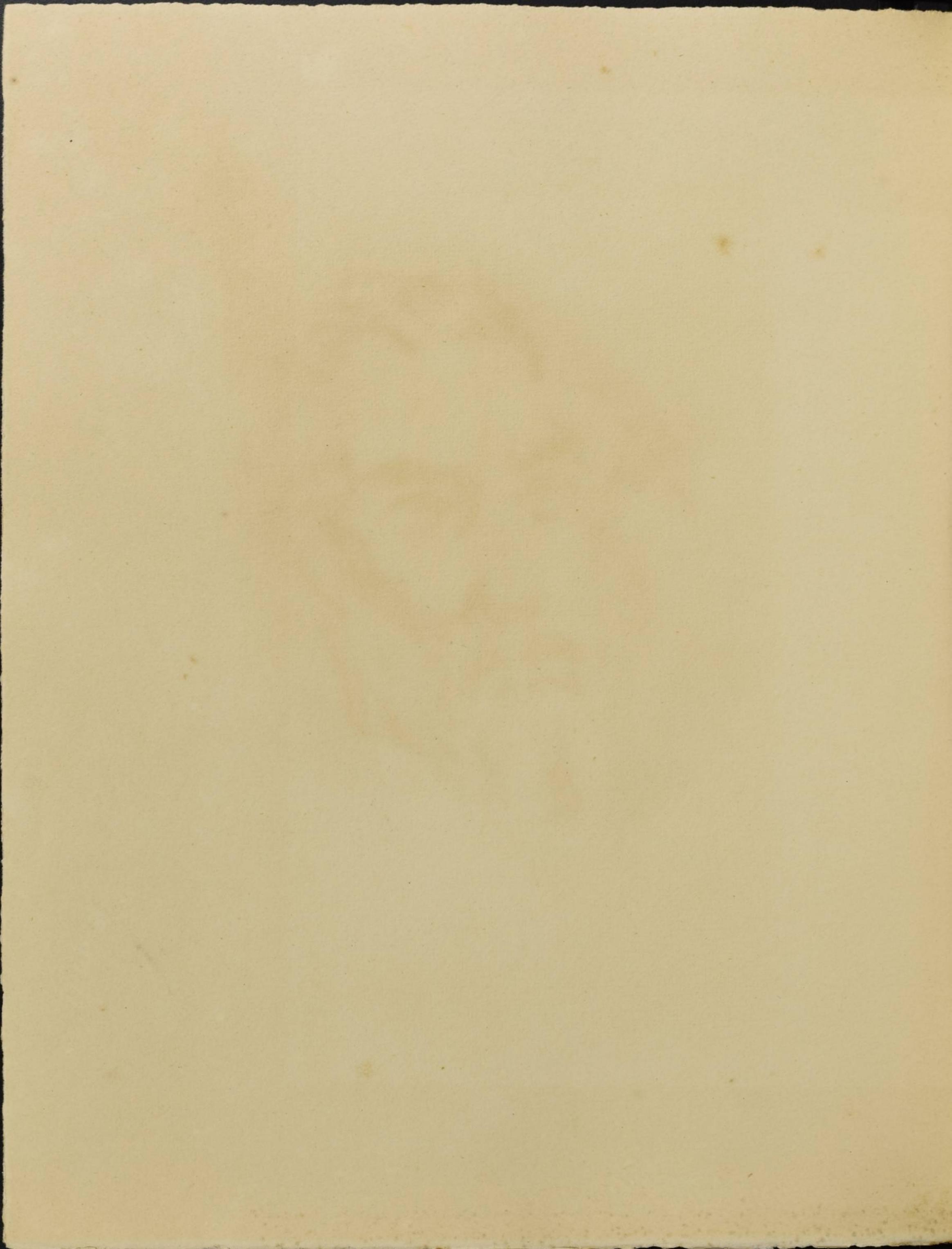


E foi para morrer de cançao e de fome,
Sem ter quem, murmurando em lagrimas teu nome,
Te dê uma oração e um punhado de cal,
Que tantos corações calcaste sob os passos,
E na alma da mulher que te estendia os braços
Sem piedade lançaste um veneno mortal!

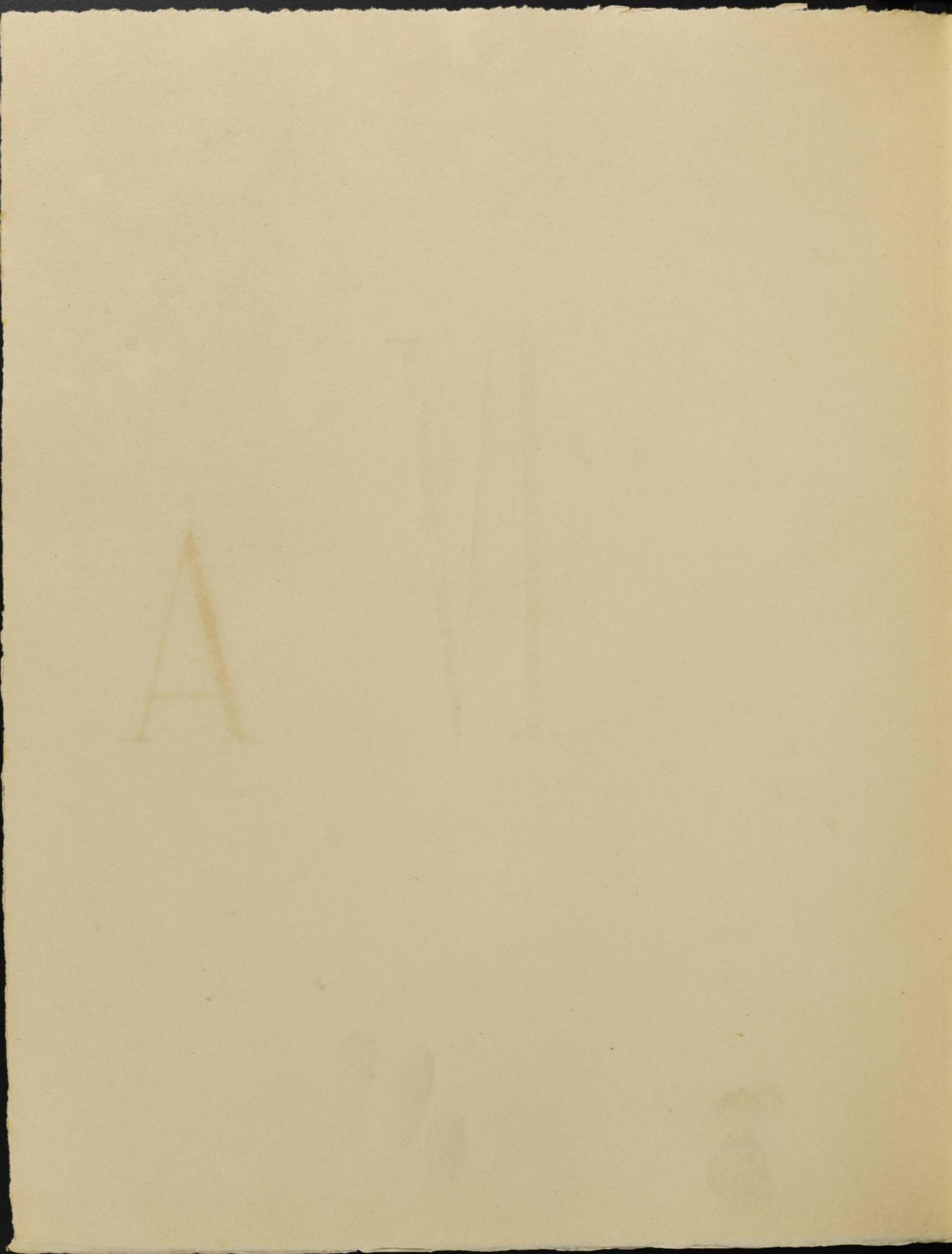


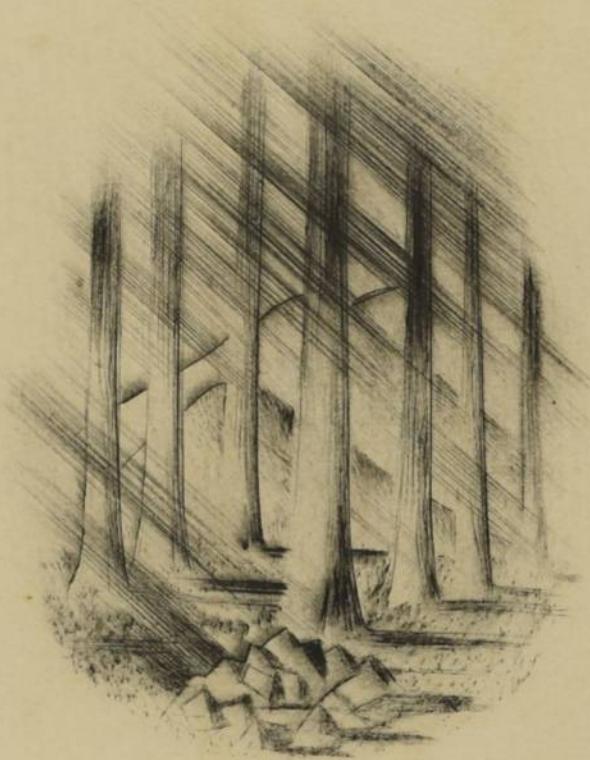
Eeil-a, a morte! e eil-o, o fim! A pallidez aumenta;
Fernão Dias se esváe, numa syncope lenta...
Mas, agora, um clarão illumina-lhe a face:
E essa face cavada e magra, que a tortura
Da fome e as privações maceraram, fulgura,
Como se a aza ideal de um archanjo a roçasse.



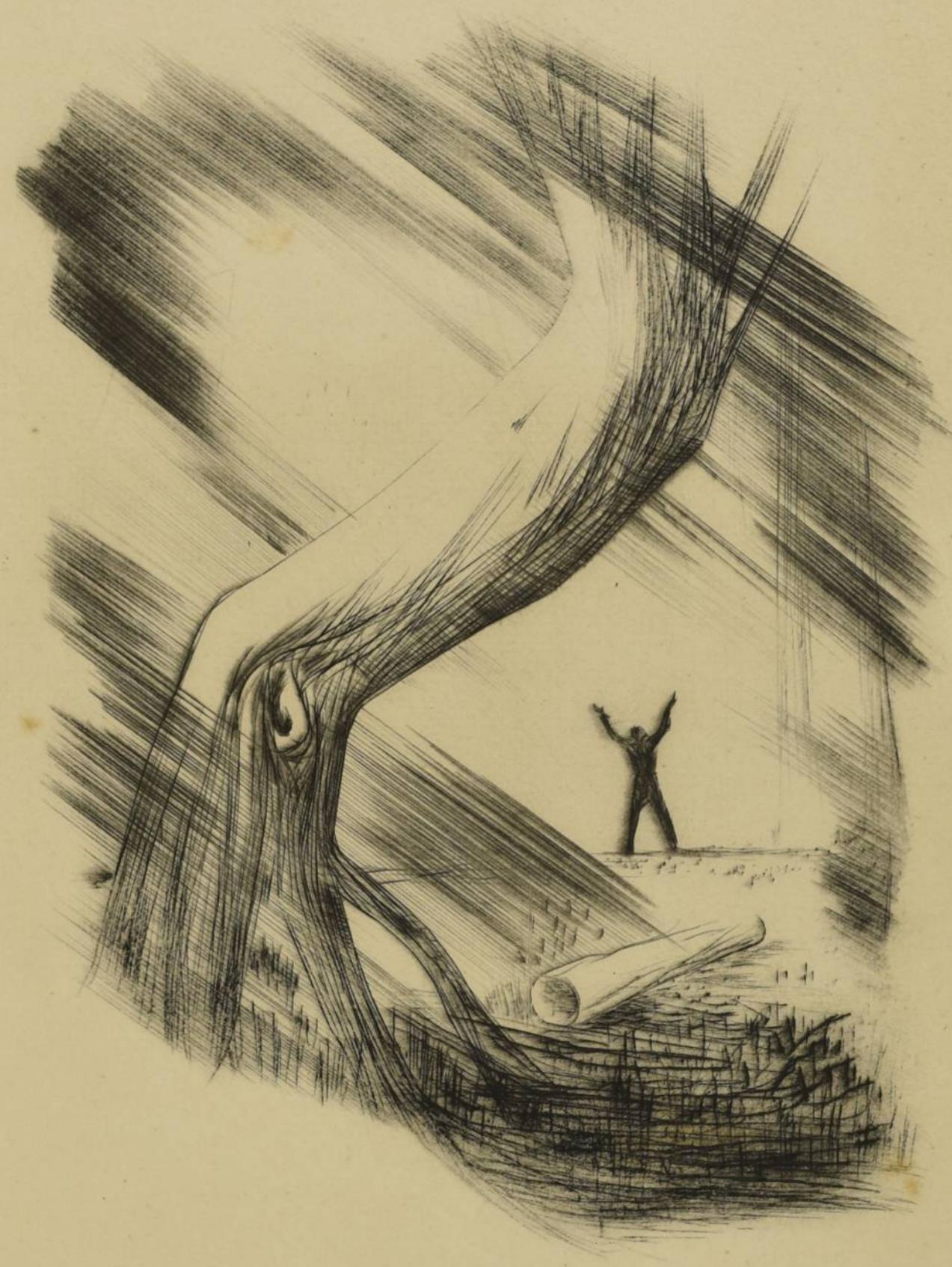


IV



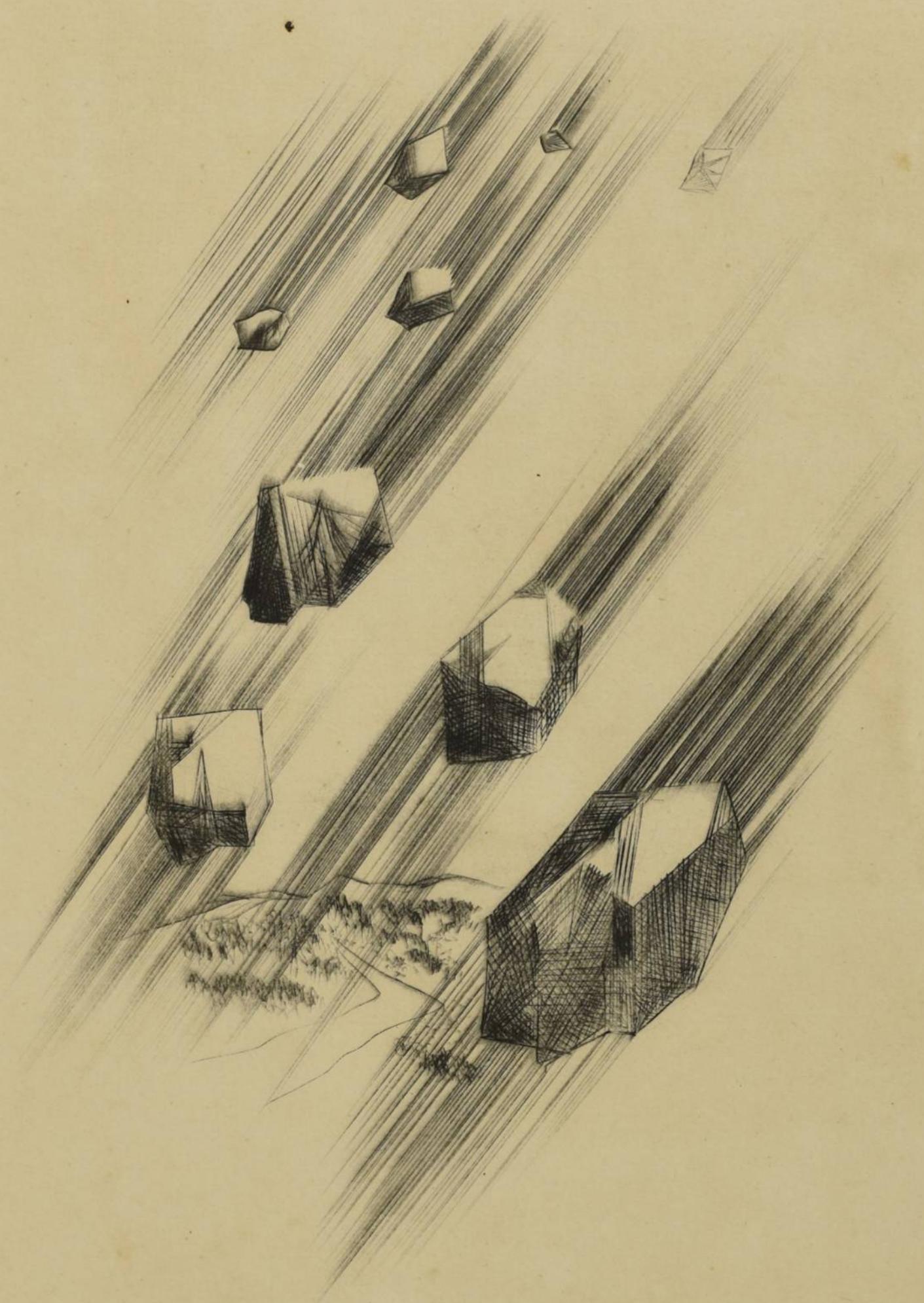


A
doça-se-lhe o olhar, num fulgor indeciso;
Leve, na bocca afflante, esvoaça-lhe um sorriso...
E adelgaça-se o véo das sombras. O luar
Abre no horror da noite uma verde clareira.
Como para abraçar a natureza inteira,
Fernão Dias Paes Leme estira os braços no ar...



V

Verdes, os astros no alto abrem-se em verdes chamas;
Verdes, na verde matta, embalançam-se as ramas;
E flores verdes no ar brandamente se movem,
Chispam verdes fuzis riscando o céo sombrio;
Em esmeraldas flúe a agua verde do rio,
E do céo, todo verde, as esmeraldas chovem...



E

é uma resurreição! O corpo se levanta:

Nos olhos, já sem luz, a vida exsurge e canta!

E esse destroço humano, esse pouco de pó

Contra a destruição se aferra á vida, e luta,

E treme, e cresce, e brilha, e afia o ouvido, e escuta

A voz, que na soidão só elle escuta, só:



M

orre! morrem-te ás mãos as pedras desejadas,
Desfeitas como um sonho, e em lodo desmanchadas...
Que importa? dorme em paz, que o teu labor é findo!
Nos campos, no pendor das montanhas fragosas,
Como um grande collar de esmeraldas gloriosas,
As tuas povoações se estenderão fulgindo!



Q

uando do acampamento o bando peregrino
Sahia, ante manhã, ao sabor do destino,
Em busca, ao norte e ao sul, de jazida melhor,
No comoro de terra, em que teu pé poisára,
Os colmados de palha aprumavam-se, e clara
A luz de uma lareira espancava o arredor.



Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado, uma nova conquista!
E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoista,
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!



M

orre! tu viverás nas estradas que abriste!

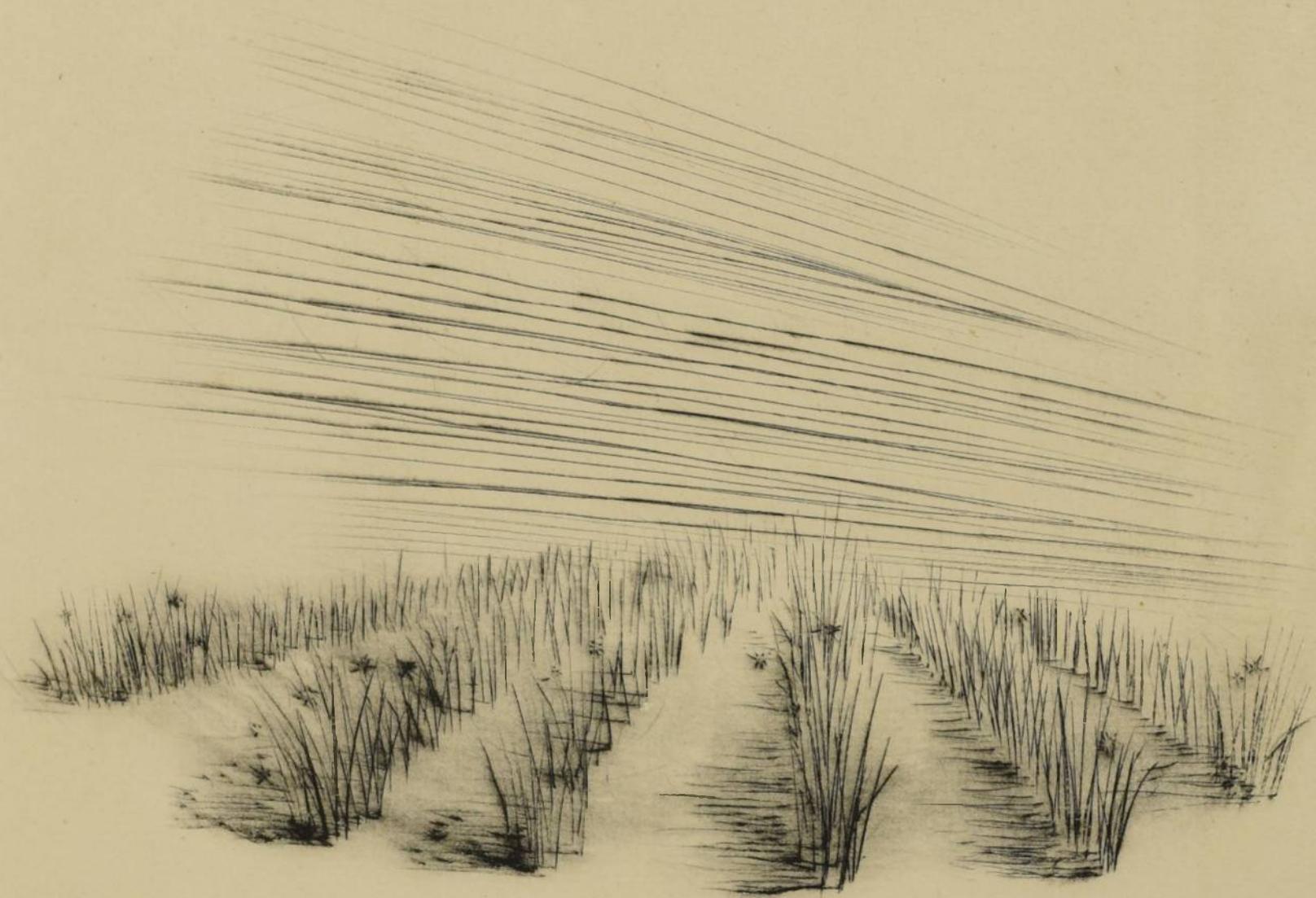
Teu nome rolará no largo choro triste

Da agua do Guaycuhy... Morre, Conquistador!

Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares

Subires, e, nutrindo uma arvore, cantares

Numa ramada verde entre um ninho e uma flôr!



M

orre! germinarão as sagradas sementes
Das gottas de suor, das lagrimas ardentes!
Hão-de fructificar as fomes e as vigilias!
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos de amor, crescerem as familias,



T

u cantarás na voz dos sinos, nas charrúas,
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hymnos da paz!
E, subjugando o olvido, atravez das idades,
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da patria viverás!



C

ala-se a estranha voz. Dorme de novo tudo.

Agora, a deslizar pelo arvoredo mudo,

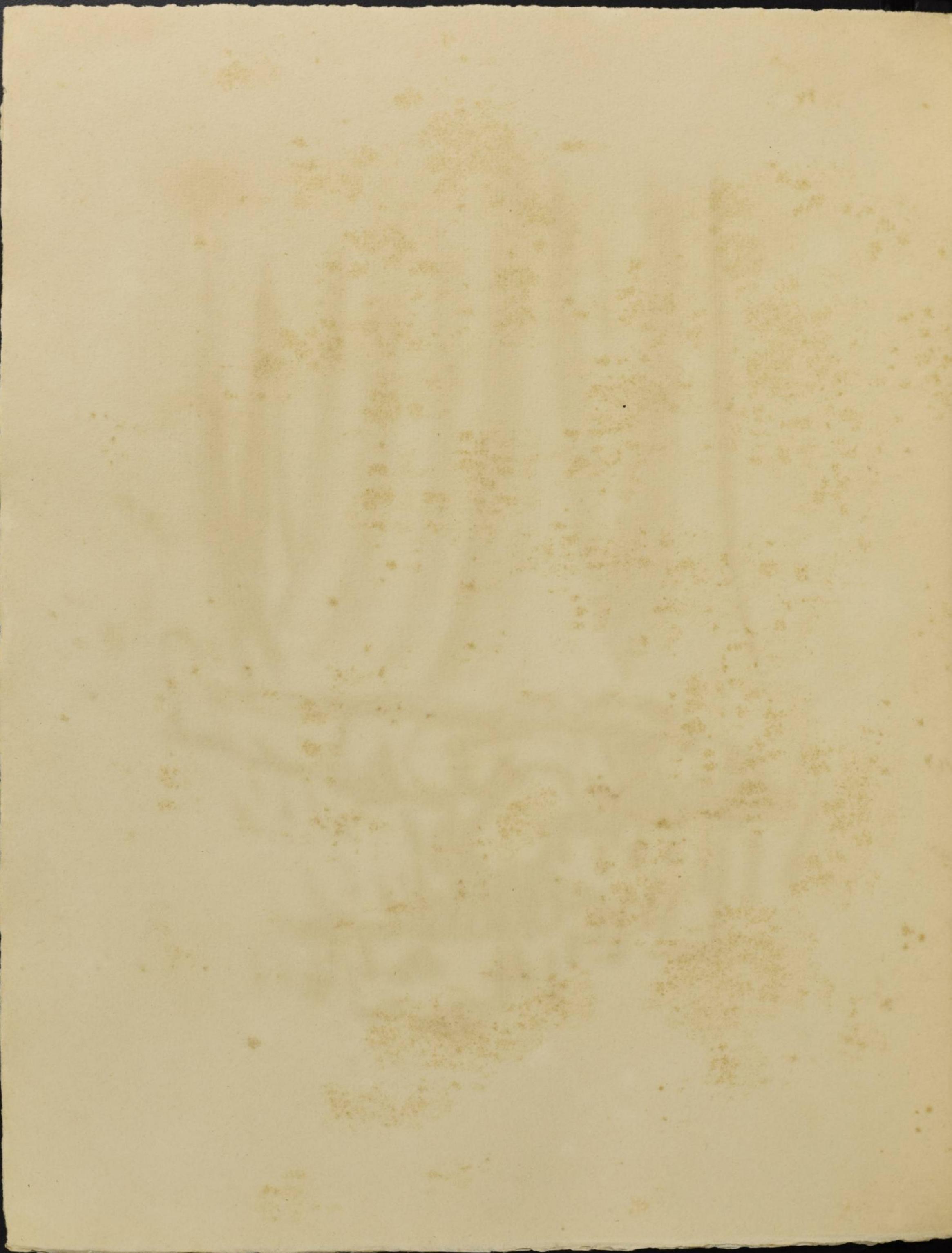
Como um choro de prata algente o luar escorre.

E sereno, feliz, no maternal regaço

Da terra, sob a paz estrellada do espaço,

Fernão Dias Paes Leme os olhos cerra. E morre.





O CAÇADOR DE ESMERALDAS

de Olavo Bilac

ilustrado com 51 gravuras a buril sobre cobre
de Enrico Bianco

Sexta das publicações da
Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil
e relativa ao ano de 1949

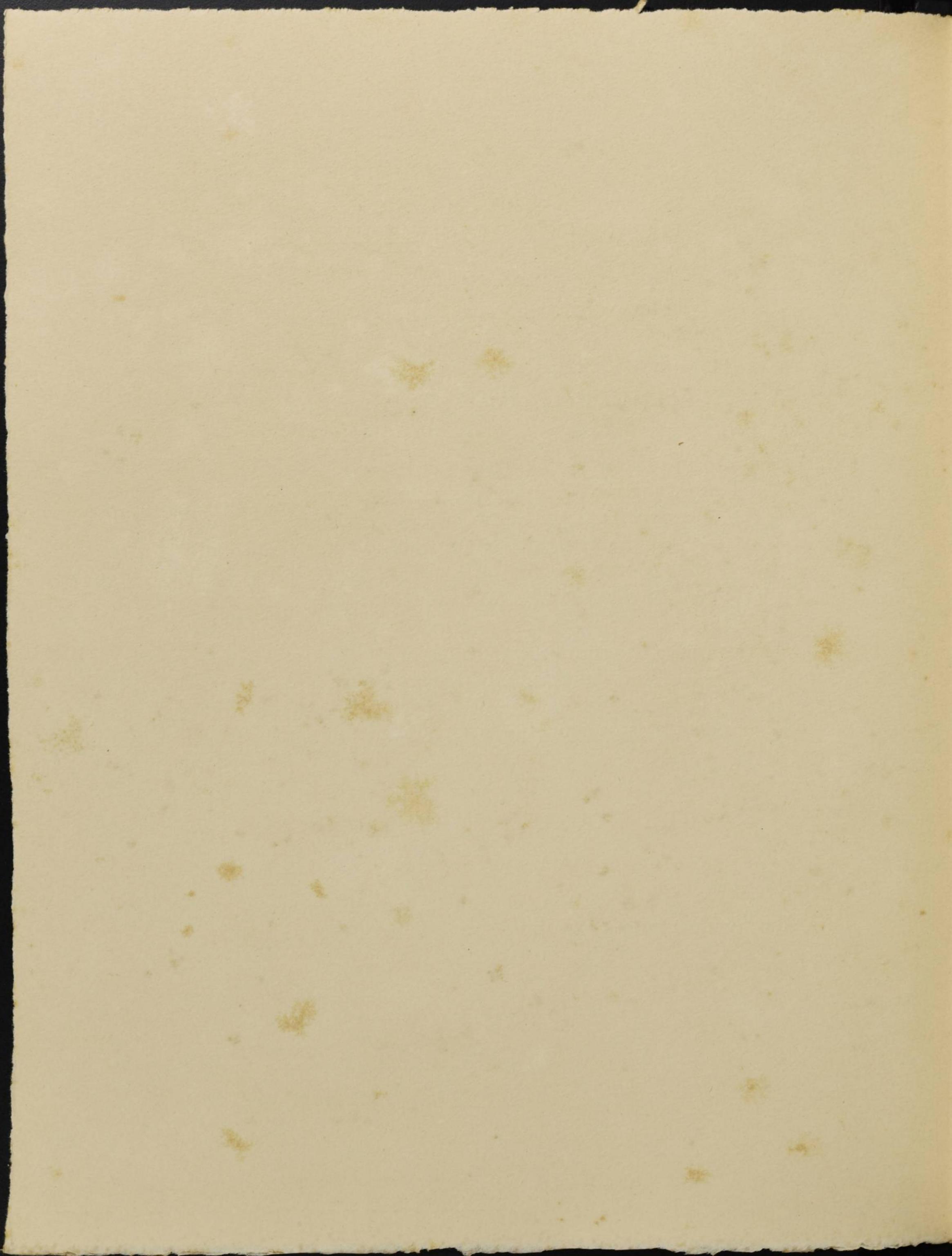
Texto composto á mão em Caslon Romano corpo vinte
e impresso em prelos manuais nas oficinas da
Grafica de Artes S. A. do Rio de Janeiro
sob a direção de Luiz Portinari
por Oswaldo Caetano da Silva e Cleanthes Gravini

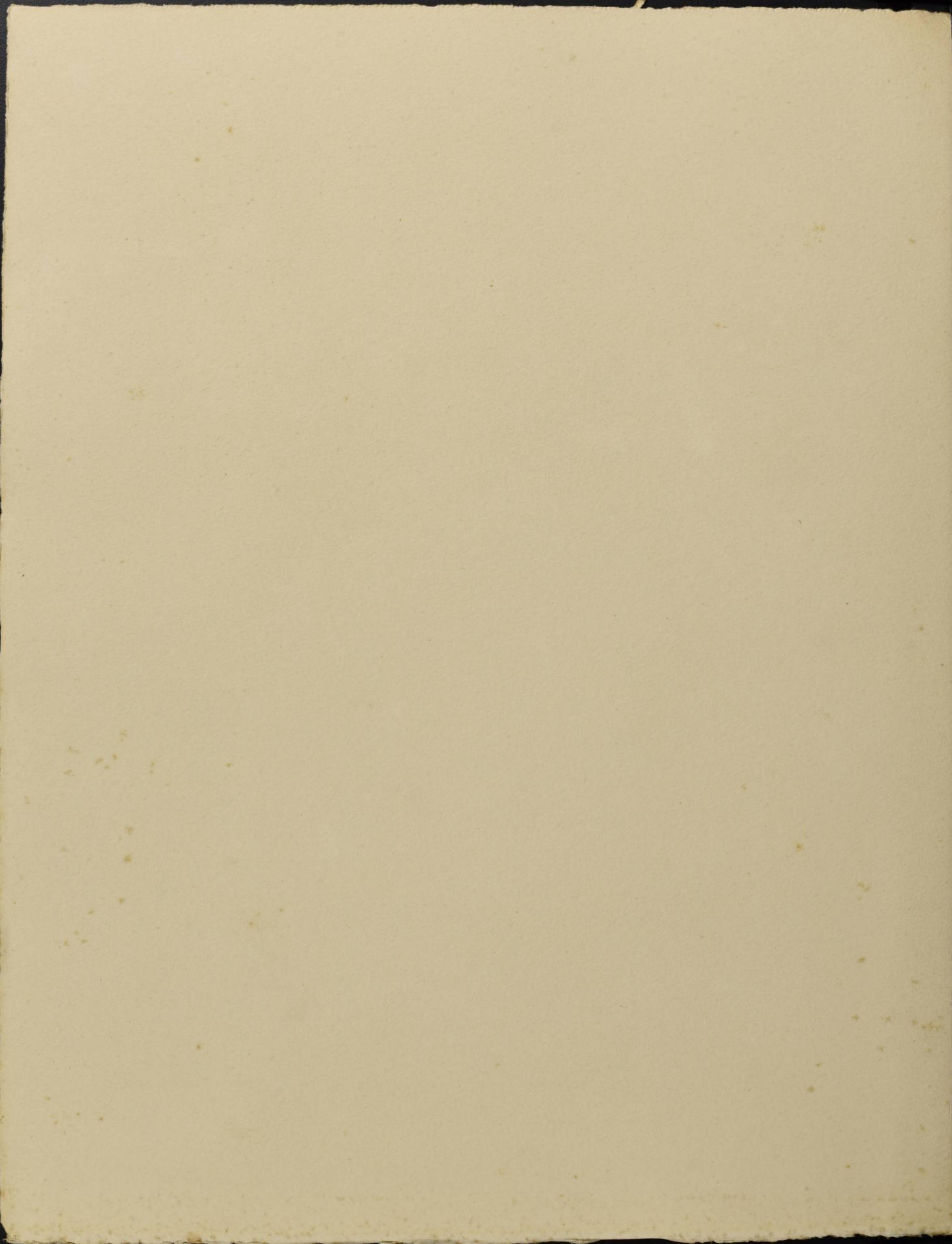
Tiragem unica de cento e dezenove exemplares em papel Arches
Iniciada em 2 de Novembro de 1950
terminada em 18 de Agosto de 1951
As placas de cobre que serviram para a ilustração
foram inutilizadas

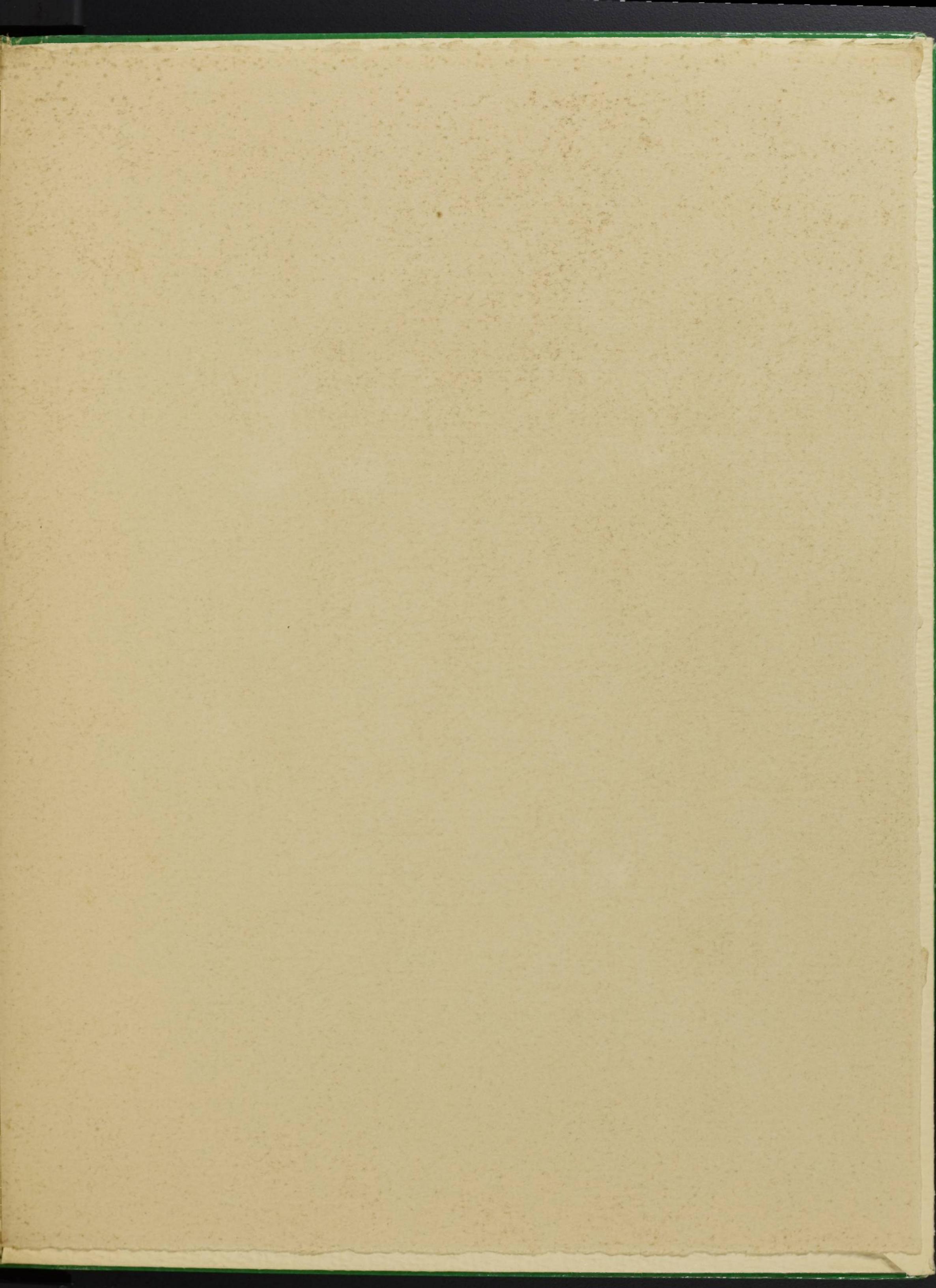
SOCIEDADE DOS CEM BIBLIÓFILOS DO BRASIL

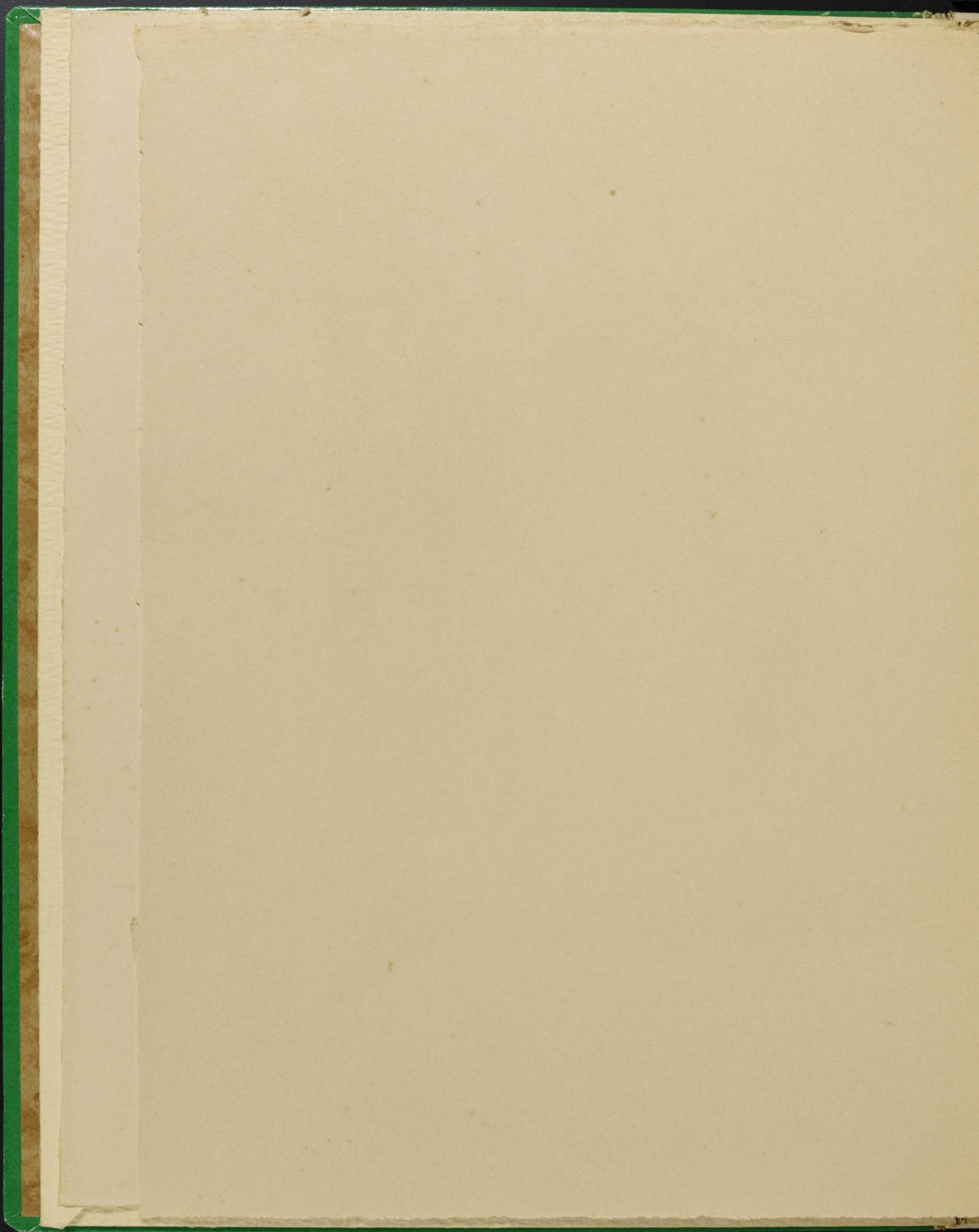
Comissão Executiva

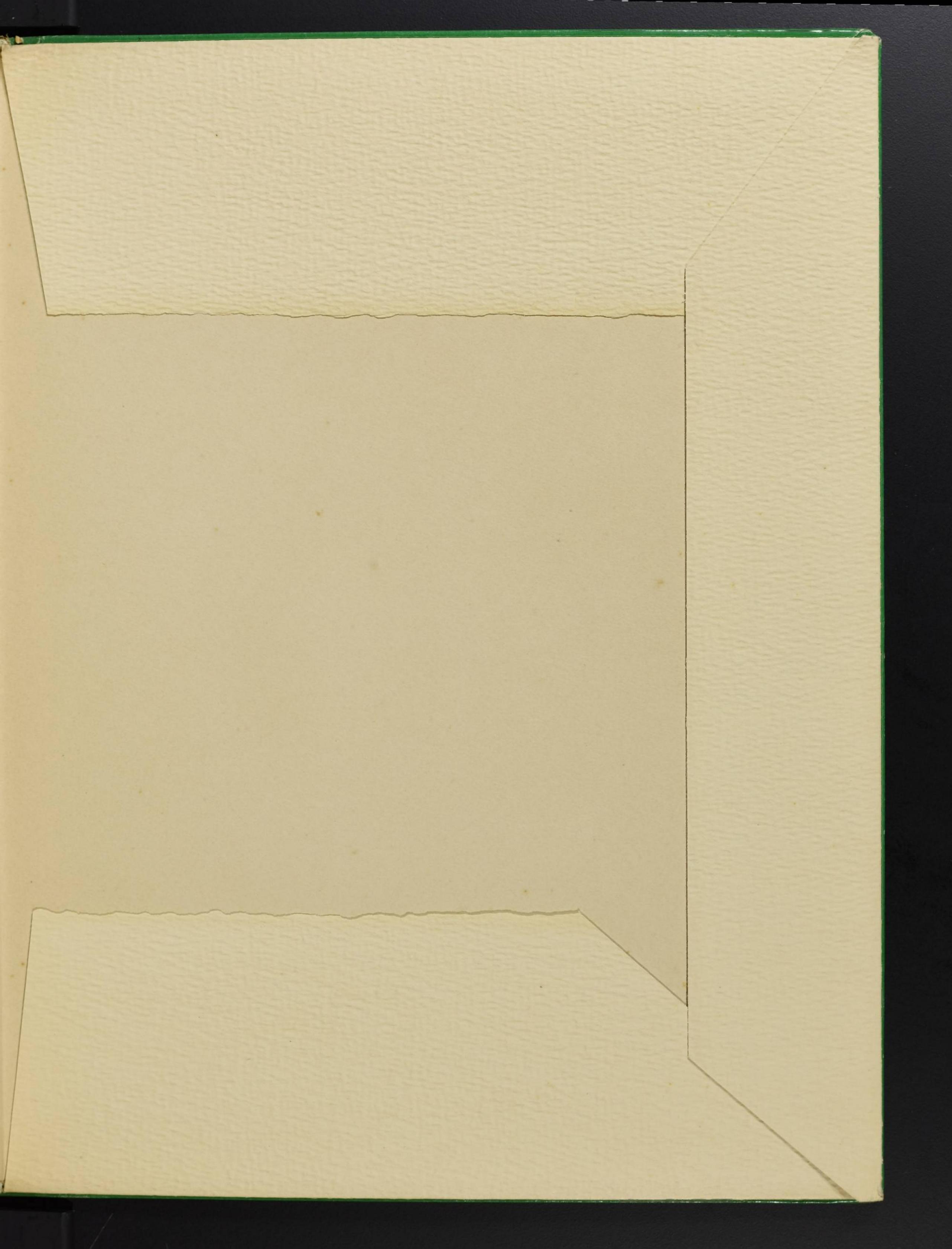
S. A. I. e R. Dom Pedro de Orléans e Bragança
Raymundo Ottoni de Castro Maya Cypriano Amoroso Costa
Ricardo Xavier da Silveira











1008

